

RUDOLF STEINER

**A DIRECÇÃO ESPIRITUAL
DO HOMEM E DA
HUMANIDADE**

Resultados científico-espirituais sobre a evolução da
humanidade

Tradução de
Lavínia Viotti

Título original:

DIE GEISTIGE FÜHRUNG DES MENSCHEN UND DER MENSCHHEIT

© 1974 Rudolf Steiner Verlag Dornach – Suíça

GA-Nr. 15 – ISBN 3-7274-0150-8

Direitos desta tradução reservados à
EDITORA ANTROPOSÓFICA
(Associação Pedagógica Rudolf Steiner)
R. São Benedito, 1525 – c/ 45
04755 São Paulo – SP
Tel. (011) 247-9714

Revisão da tradução:

Jacira Cardoso

Digitação de texto:

Vera Lúcia Santos

1ª. edição: 1984

2ª. edição – 1991

ISBN 85-7122-029-8

SUMÁRIO

PREFÁCIO

I

A adaptação do ser humano infantil ao mundo: a orientação no espaço, a linguagem, o pensamento. A consciência do eu e a memória. A actuação de forças superiores no homem. A descida do Cristo em Jesus de Nazaré. A verdade dos Evangelhos

II

Os estágios da evolução cósmica da Terra. As entidades precursoras do homem. Dos deuses aos guias primordiais da Humanidade. A língua humana primordial. O materialismo egípcio e seu renascimento na ciência contemporânea. As entidades retardatárias na evolução. Clarividência e iniciação. O princípio cristico

III

As sete civilizações pós-atlânticas. O Cristo na quinta época pós-atlântica. O homem como ser cósmico. Os dois meninos Jesus. As curas milagrosas do Cristo. O Cristo e a ciência moderna

PREFÁCIO

Esta obra reproduz o conteúdo de conferências que pronunciei em Copenhague, no mês de junho deste ano, depois da Assembleia Geral da Sociedade Teosófica Escandinava. Essas conferências foram, portanto, pronunciadas perante um auditório familiarizado com a Ciência do Espírito ou Teosofia, e pressupõem o conhecimento prévio do assunto. Nelas me refiro continuamente aos princípios enunciados em minhas obras *Teosofia* e *A Ciência Oculta*. Se este livro caísse em mãos de um leitor não familiarizado com tais ideias, poderia ser considerado por ele um produto curioso de uma simples fantasia. Mas as obras acima citadas contêm as bases científicas daquilo que vamos expor.

Fiz uma revisão cuidadosa das notas estenográficas dessas conferências, mas conservei, premeditadamente, seu carácter de discurso falado. Faço questão de frisar este ponto porque, *via de regra*, minha opinião é que as obras destinadas à leitura exigem uma forma completamente diversa da usada numa conferência falada. Observei essa distinção em minhas obras anteriores, sempre que foram destinadas ao prelo. Mas neste livro preferi conservar o estilo oral, porque tenho razões para publicá-lo neste momento, e uma revisão no sentido acima aludido representaria uma enorme perda de tempo.

Munique, 20 de agosto de 1911

Rudolf Steiner

I.

O homem que empreende a tarefa de conhecer-se a si mesmo descobre em breve que, além da personalidade constituída por seus pensamentos, sentimentos e volições conscientes, possui ainda uma segunda personalidade, mais poderosa que a primeira. Percebe então que está subordinado a essa personalidade como a um poder superior. No princípio ela lhe parecerá uma entidade inferior à sua entidade psíquica plenamente consciente, inclinada ao bem e à verdade. E ele procurará, por isso, dominar essa entidade pretensamente inferior.

Um exame mais profundo de si mesmo lhe apresentará essa segunda personalidade sob nova luz. Ao fazermos, no decorrer da vida, uma espécie de exame retrospectivo de nossas experiências ou actos, fazemos uma descoberta singular; e essa descoberta vai evidenciando cada vez mais sua importância, à medida que envelhecemos. Perguntando a nós mesmos “o que fiz ou disse nessa ou naquela época de minha vida?”, constatamos haveremos praticado inúmeros actos cujo sentido só chegamos a compreender numa idade mais avançada. Praticamos actos há sete, oito ou talvez vinte anos, dos quais falamos agora com toda a convicção: “Só agora, após tanto tempo, minha inteligência chegou à compreensão daquilo que fiz ou disse naquela época.” Muitas são as pessoas que nunca chegam a fazer esta descoberta, por não se preocuparem com isso. Mas é extraordinariamente frutífero fazer frequentemente esses exames de consciência, essa introspecção anímica. No momento em que percebemos haveremos praticado, anos atrás, actos que só agora começamos a compreender em razão de nossa inteligência ainda não ter, naquela época, o amadurecimento necessário para compreender o que fizemos ou dissemos – no momento em que fazemos essa descoberta, nossa alma é atingida pelos sentimentos de estarmos protegidos por uma potência benéfica, que reina nas profundidades de nosso ser; pouco a pouco vamos adquirindo a confiança de que, no sentido mais elevado da palavra, não estamos sós no mundo, e tudo o que compreendemos e de que temos consciência não é, a bem dizer, senão uma pequena parte do que realizamos no Universo.

Repetindo com frequência essa observação, começaremos a transferir à vida prática uma verdade muito fácil de se reconhecer teoricamente. Teoricamente, é fácil reconhecer que o homem não iria muito longe na vida caso tivesse de executar todos os seus actos com plena consciência, graças à decisão de uma inteligência atenta em pesar todos os detalhes dos acontecimentos. Para verificar teoricamente esse princípio, basta que nos entreguemos às considerações seguintes :

Em que época da vida o homem atua sobre si mesmo do modo mais decisivo para sua existência? Em que momento trabalha com maior sabedoria em sua própria personalidade? Desde o nascimento até aproximadamente a época mais recuada que sua memória pode atingir, quando mais tarde contempla retrospectivamente sua existência terrestre. Ao rememorarmos o que fizemos há três, quatro, cinco anos, continuando a rememorar retrospectivamente chegamos a um determinado ponto de nossa infância que nossa memória não ultrapassa. O que se passou antes desse momento, só o podemos saber por nossos pais ou outras pessoas; a memória pessoal chega só até determinado ponto. Esse limite é a época em que o homem aprendeu a sentir-se um eu. Nas pessoas

cuja memória não ultrapassa os limites da vida normal existe necessariamente essa barreira. Pois bem, foi antes desse momento que a alma humana realizou na própria pessoa os actos de maior sabedoria; e mais tarde, quando houver atingido sua plena consciência, o homem não poderá jamais realizar dentro de si mesmo progressos tão grandiosos e decisivos como os que realiza nos primeiros anos da infância, quando suas inspirações lhe advêm das profundidades inconscientes da alma. Sabemos que o homem, ao nascer, traz ao mundo físico os frutos de suas existências passadas. Quando vem ao mundo, seu cérebro físico, por exemplo, é ainda um instrumento muito imperfeito. A alma humana precisa elaborar no cérebro a delicada organização que lhe facultará servir de instrumento às faculdades da alma. Efectivamente, antes de atingir a plena consciência a alma humana elabora o cérebro de modo a torná-lo um instrumento adequado a todas as faculdades, predisposições, peculiaridades, etc. que são sua propriedade devido às suas existências passadas. Esse trabalho sobre o próprio corpo é dirigido por razões e directrizes muito mais sábias do que tudo o que o homem possa mais tarde realizar com plena consciência, no sentido do aperfeiçoamento próprio. Mais ainda: durante esse período da infância, o homem não só molda o próprio cérebro; é-lhe necessário, também, aprender três coisas da maior importância para sua existência terrena.

Primeiramente, ele aprende a orientar o próprio corpo no espaço. Essa é uma aquisição à qual o homem, hoje em dia, não presta a mínima atenção, e que no entanto constitui uma das diferenças essenciais entre o homem e o animal. O animal está predestinado a encontrar sua posição de equilíbrio no espaço de determinada maneira. Um animal é destinado a ser trepador, outro a ser nadador, etc. ; o animal está previamente organizado de modo a encontrar sua posição correcta de equilíbrio no espaço; e isso acontece até com os mamíferos mais semelhantes ao homem. Se os zoólogos reflectissem sobre esse facto, acentuariam menos a semelhança entre certos ossos e músculos dos homens e dos animais, etc., pois isso é muito menos importante do que o facto de o homem não ser organizado a *priori*, no sentido de encontrar espontaneamente suas relações de equilíbrio no espaço. Ele precisa estabelecê-las por um esforço de todo o seu ser. É muito importante o homem ter de trabalhar sobre si mesmo para transformar-se, de uma entidade incapaz de andar, em um ser que consegue caminhar na posição erecta. Ele se ajusta à lei da gravidade. Um observador superficial poderá contestar, com provas aparentemente razoáveis, o que afirmamos. Poderá dizer que por sua organização o homem está predestinado a caminhar na posição vertical, como um animal trepador o é para trepar. Uma observação mais atenta, porém, evidenciará que no animal a própria organização determina a posição de equilíbrio no espaço. No homem, é a alma que entra em relação com as leis do espaço e vence a organização corpórea.

O segundo ensinamento que o homem ministra a si próprio, do alto da entidade que subsiste através de todas as suas encarnações, é a *linguagem*. Por meio desta ele entra em contacto com seus semelhantes, e isso lhe permite ser o portador da vida espiritual que compenetra o mundo físico, vida da qual ela é o primeiro centro irradiante. Frequentemente se tem afirmado, com razão, que uma pessoa transportada, antes de saber falar, a uma ilha deserta e afastada do convívio de seus semelhantes ficaria privada da palavra. As disposições atávicas, aquilo que é implantado em nós para manifestar-se mais tarde, estando portanto submetido às leis de hereditariedade, não depende das relações do homem com seus semelhantes. A hereditariedade nos dá um organismo em que a segunda dentição se efectua aos sete anos. Portanto, um ser humano poderia ficar isolado numa ilha deserta sem deixar de trocar os dentes, caso seu

crescimento se efectuasse normalmente. Mas ele só aprende a falar quando seu ser anímico recebe uma incitação por ser o elemento permanente que persiste através das existências terrenas. O homem forma o germe da evolução de sua laringe no período em que ainda não tem consciência de seu próprio eu. *Antes* do mais afastado ponto que sua memória atinge, ele começa a formar a própria laringe, a fim de que esta se torne o órgão da palavra.

Finalmente, há uma terceira coisa que raramente se imagina ter o homem aprendido por si mesmo, com a entidade interior que é conduzida através das encarnações. Trata-se da vida dentro do mundo dos pensamentos. A estruturação do cérebro efectua-se por ser ele o instrumento do pensar. No começo da existência esse órgão ainda é maleável, pois o próprio homem' deve estruturá-lo para que se torne um instrumento adequado à entidade conduzida através das encarnações. O cérebro, logo após o nascimento, é um órgão moldado pelas forças herdadas dos pais, dos avós, etc. Mas no acto de pensar o homem deve manifestar sua entidade interior, que sofreu a influência das existências anteriores. Por essa razão deve transformar as peculiaridades do cérebro, recebidas por hereditariedade, a partir do momento em que – após o nascimento – se liberta fisicamente de seus pais, antepassados, etc.

Vemos que o homem, nos primeiros anos da vida, realiza coisas de importância capital. Ele atua sobre si próprio de acordo com uma sabedoria superior. Efectivamente não poderia, pondo apenas em acção sua própria inteligência, realizar o que realiza na primeira infância, estando ainda *destituído* de inteligência. Por que a fonte dessas acções que escapam à consciência se encontra nas profundezas da alma? É que nos primeiros anos de vida o homem, com toda a sua alma e todo o seu ser, está muito mais estreitamente unido aos mundos espirituais das Hierarquias superiores do que mais tarde. O clarividente, após passar por uma evolução espiritual que lhe permite perceber os fenómenos reais do espírito, faz uma experiência importantíssima no momento em que consegue desenvolver a consciência do eu, a qual lhe permite a recordação retrospectiva até à aludida época de sua infância. Nos primeiros anos de existência, aquilo que chamamos de “aura infantil” circunda a criança como uma potência maravilhosa, a um só tempo humana e sobre-humana. Essa aura infantil, a parte propriamente superior do homem, prolonga-se para todos os lados no mundo espiritual; e no momento mais remoto que a memória humana atinge se retrai, penetrando mais profundamente no íntimo do homem. A partir desse momento o homem pode sentir-se um eu coerente consigo mesmo, porque os elementos anteriormente ligados aos mundos superiores se integraram então a seu eu. Desse momento em diante a consciência se põe em contacto com o mundo exterior. Isso não se dá ainda na infância. Nesse período da vida tudo se apresenta à criança como que flutuando num mar de sonhos. Graças a uma sabedoria que não reside nele, o homem atua sobre si mesmo. Essa sabedoria é mais poderosa e mais vasta que todo o saber consciente que ele venha a adquirir posteriormente. Essa sabedoria superior se obscurece mais tarde para a alma humana, e a consciência toma então seu lugar. Das alturas do mundo espiritual essa sabedoria flui sobre o organismo corpóreo, de modo que por seu intermédio o homem pode estruturar seu cérebro, partindo do espírito. Por essa razão se pode dizer que o maior dos sábios pode aprender com uma criança; o que se manifesta nela é a mesma sabedoria que, mais tarde, não penetra na consciência. Essa sabedoria estabelece uma espécie de “comunicação telefónica” com as entidades espirituais em cujo mundo o homem se encontra entre a morte e um novo nascimento. Desse mundo espiritual continuam a descer outras influências sobre a aura infantil, e o homem, como indivíduo, encontra-se então sob a direcção directa da totalidade do mundo espiritual ao qual pertence. As

forças espirituais desse mundo continuam a fluir sobre a criança. Elas só deixam de actuar sobre esta no momento mais afastado que a memória normal atinge. São essas forças que dão ao homem a possibilidade de harmonizar-se com as leis da gravidade terrestre. São elas ainda que formam sua laringe e estruturam seu cérebro, para que este se torne um instrumento vivo do pensamento, da sensibilidade e da vontade.

A actuação do homem, do alto de uma personalidade ainda em conexão imediata com os mundos espirituais, actuação essa que se realiza na infância de modo intensivo, persiste até certo grau, durante o resto da existência, sob reserva das aludidas transformações. Mais tarde, anos após, percebemos termos agido e falado anos atrás sem a compreensão que só hoje podemos ter: nessa época afastada deixamo-nos guiar por uma sabedoria superior. Só muitos anos após é que compreendemos os motivos que nos levaram a agir. Das considerações acima nos vem o sentimento que nos diz: imediatamente após o nascimento ainda não estamos por completo libertos do mundo em que nos encontrávamos antes do nascimento físico, mundo de cujo ambiente jamais conseguiremos libertar-nos por completo. A parte de espiritualidade elevada que possuímos nos acompanha na vida física. Com frequência senti-mos o seguinte: o que reside em nós não é apenas uma personalidade superior que evolui gradualmente, porém algo que já existe e que nos leva tantas vezes à auto-superação.

Tudo que o homem pode manifestar em matéria de ideal, de criação artística, assim como todas as forças curativas naturais que ele pode fazer surgir no próprio corpo para compensar continuamente os danos causados pela existência, toda essa elevada actividade não emana do entendimento comum, mas das forças profundas que nos primeiros anos de vida actuam para que nos orientemos no espaço – forças essas que moldam também nossa laringe e nosso cérebro. Essas forças permanecem no homem. Muitas vezes, na presença de enfermidades, dizem-nos que as forças exteriores não nos podem auxiliar, mas nosso organismo deve pôr em acção suas próprias forças curativas; apela-se desse modo a uma sábia influência que se exerce no homem. E é da mesma fonte que continuam a fluir as benéficas forças que nos conduzem ao conhecimento do mundo espiritual, isto é, à verdadeira clarividência.

E agora pode surgir a seguinte pergunta: por que razão essas forças superiores só actuam sobre o homem nos primeiros anos da infância?

Pode-se responder facilmente a uma parte dessa pergunta. Caso essas forças superiores continuassem a actuar do mesmo modo, o homem permaneceria como uma criança; não chegaria à plena consciência do eu. É preciso incorporar à própria personalidade o que actuava anteriormente, vindo do exterior. Mas há uma razão mais importante que esclarecerá melhor ainda os mistérios da vida humana; é a seguinte:

A Ciência do Espírito nos ensina que o corpo humano, tal como existe no estágio actual da evolução terrestre, é um organismo que passou por outros estados, antes de chegar à forma actual.

O conhecedor da Ciência do Espírito sabe que essa evolução se realizou em virtude da influência de forças diversas sobre o ser humano; certas forças actuaram sobre o corpo físico, outras sobre o corpo etérico e outras sobre o corpo astral. A entidade humana chegou à sua forma actual graças à acção das entidades às quais demos o nome de luciféricas e arimânicas. Sob o efeito dessas forças a entidade humana tornou-se, em certo sentido, pior do que deveria ser caso só tivessem actuado as forças emanadas dos guias cósmicos espirituais, cuja intenção é auxiliar a evolução normal do homem. A causa da dor, das moléstias e mesmo da morte reside no facto de, além das entidades que fazem o homem evoluir em linha recta, imperarem também as entidades luciféricas e arimânicas, interpondo-se continuamente no caminho que leva directamente à

evolução normal. O homem traz consigo, ao nascer, elementos superiores a tudo o que mais tarde ele possa fazer de sua própria vida.

As forças luciféricas e arimônicas têm pouca influência sobre a entidade humana nos primeiros anos da infância; elas se manifestam principalmente na vida consciente após a idade infantil. Se a parte melhor de seu próprio ser continuasse a ter sobre o homem o mesmo poder após a primeira infância, ele não poderia suportar essa influência, pois sua entidade se encontra então completamente debilitada pela influência oposta das forças de Lúcifer e Árimã. O homem, no mundo físico, possui uma constituição que não lhe permite suportar a influência das forças espirituais actantes na primeira infância; ele só as pode suportar enquanto se conserva dúctil e maleável como uma criança. Se as forças que o orientam no espaço e estruturam sua laringe e seu cérebro continuassem a influenciá-lo de um modo imediato, ele seria aniquilado por elas. Essas forças são tão poderosas que, se continuassem a actuar sobre nós, nosso organismo definharia pela santidade das mesmas. O homem só deve apelar a essas forças quando se trata de estabelecer uma relação consciente com o mundo supra-sensível.

Disso decorre um pensamento de profundo significado para quem o compreende de modo correcto. O Novo Testamento assim o exprime: “Quem não receber o reino de Deus qual uma criança não entrará nele.” Segundo estas palavras, qual é o mais elevado ideal da Humanidade? Aproximar-se cada vez mais de um estado que se poderia chamar de relação consciente com as forças que actuam sobre o ser inconsciente da criança. Não nos esqueçamos de que o homem se desintegraria sob a poderosa acção dessas forças, caso elas penetrassem em sua vida consciente *sem qualquer preparação*. Por isso a aquisição das faculdades que exprimem a percepção dos mundos superiores requer uma preparação cuidadosa. Esta preparação tem por fim tornar o homem capaz de suportar o que normalmente não poderia.

A passagem através de encarnações sucessivas é importante para o desenvolvimento completo da entidade humana. Esta atravessou no passado sucessivas existências; e enquanto prossegue em seu caminho, a Terra também continua sua evolução paralelamente à do homem. Chegará uma época em que a Terra terá chegado à sua meta; então a entidade física do planeta terrestre se desligará da totalidade das almas humanas, assim como, ao morrer, o corpo humano se desliga do espírito quando a alma humana, para poder continuar a viver, entra no reino espiritual que lhe cabe entre a morte e um novo nascimento. À luz dessa ideia, compreenderemos que o mais elevado ideal da evolução humana é assimilarmos, antes da morte da Terra, todos os frutos que possam ser colhidos da vida terrestre.

Pois bem – as forças que impedem o homem de atingir as forças actantes na primeira infância provêm do organismo da Terra. Quando esse organismo se desligar do ser humano, será necessário que o homem, para atingir sua meta, seja capaz de entregar-se, na plenitude de seu ser, às forças que actualmente só actuam na primeira infância. O sentido da evolução através das sucessivas vidas terrestres é, portanto, o ser humano completo, inclusive sua parte consciente, tornar-se aos poucos a manifestação das forças que, sob a actuação do mundo espiritual, reinam sobre a inconsciência da primeira infância. O pensamento que essas considerações despertam na alma deve enchê-la de humildade, mas ao mesmo tempo da justa consciência da dignidade humana. Esse pensamento é o seguinte: o homem não está sozinho; nele vive uma essência que permanentemente o faz sentir ser capaz de elevar-se acima de si mesmo, até atingir algo que já o ultrapassa actualmente e que vai crescendo de existência em existência. Esse pensamento poderá tomar uma forma cada vez mais precisa; dar-nos-á então um

sentimento de extrema paz e elevação, mas, ao mesmo tempo, encherá nossa alma da humildade e da modéstia necessárias. Que essência é essa que habita no homem? Na verdade é um homem superior, um homem divino, cuja presença sentimos dentro de nós como uma realidade vivente, e do qual podemos dizer: *é o meu guia dentro de mim*.

Partindo destas ideias, ocorre naturalmente à alma o pensamento de que é necessário fazer todo o esforço possível para harmonizar-se com essa parte do ser humano, mais sábia do que a inteligência consciente. Então, da personalidade consciente, o pensamento se eleva a uma personalidade mais vasta, em presença da qual todo e qualquer falso orgulho e presunção humanos podem ser extirpados e combatidos. Este sentimento suscita um outro, que esclarece as causas da actual imperfeição do homem, fazendo-nos compreender que ele se aperfeiçoará quando a espiritualidade mais elevada e vasta, dirigindo-o interiormente, puder entrar em contacto com sua consciência, do mesmo modo como se relacionava com a vida anímica inconsciente de sua primeira infância.

Ainda que nossa memória retrospectiva muitas vezes não chegue até o quarto ano de nossa existência, todavia podemos dizer que a acção das mencionadas regiões espirituais superiores permanece durante os três primeiros anos de vida. Ao terminar esse período, o homem torna-se capaz de relacionar as impressões do mundo exterior com a representação mental do eu. É verdade que essa ideia coerente do eu só pode ser levada em consideração a partir do instante mais afastado que nossa memória alcança. No entanto, para os factos essenciais a memória alcança apenas o início do quarto ano da vida; mas no despertar da consciência individual é tão fraca que nos passa despercebida. Por isso podemos dizer que as forças superiores que dirigem o homem durante a infância só podem actuar sobre ele durante *três anos*. O actual organismo da Terra está estruturado de tal forma que ao homem é permitido receber o influxo dessas forças apenas durante três anos.

Suponhamos que por intermédio de alguma força cósmica pudesse ser afastado o eu normal de determinado indivíduo, e portanto seus corpos físico, etérico e astral pudessem ser abandonados por esse eu comum que acompanhou o homem através das encarnações; em seguida suponhamos que nesses três corpos pudéssemos fazer penetrar um eu actuante em concordância com o mundo espiritual. Que sucederia a esse homem? Ao cabo de três anos seu corpo seria fatalmente destruído! O carma cósmico faria com que esse ser espiritual, ligado aos mundos superiores, só pudesse viver três anos no aludido corpo. A vitalidade do organismo humano persiste, na transição da infância a uma idade ulterior, porque nessa transição o organismo pode modificar-se. Numa idade posterior, ele é incapaz disso; não poderia, portanto, subsistir ao mesmo tempo que a aludida personalidade superior. Só no termo de todas as suas existências terrestres o homem terá assimilado as forças que lhe permitirão suportar por mais de três anos a presença desse ser espiritual. Então ele dirá: “Não sou mais eu quem vive e atua em mim, mas sim o Ser Superior que sempre viveu em mim.” Até este ponto da evolução ele ainda não pode fazer essa constatação. No máximo poderá dizer: “Sinto esse Ser Superior, mas ainda não consegui, com meu verdadeiro e real eu humano, fazê-lo viver totalmente dentro de mim.”

Suponhamos que em meados da evolução terrestre apareça no mundo um organismo que, uma vez chegado à idade adulta, mediante a acção de certas potências cósmicas seja libertado de seu próprio eu e dotado do eu ordinariamente só manifesto em nós nos três primeiros anos de vida – esse eu em harmonia com os mundos espirituais que o homem habita entre a morte e um novo nascimento – : quanta tempo poderia esse homem viver num corpo terrestre? Três anos, mais ou menos. No final

desse período, o carma cósmico provocaria qualquer acontecimento que destruísse esse organismo humano.

As suposições que acabamos de fazer realizaram-se, de facto, na História. O organismo humano que se encontrava nas margens do Jordão ao realizar-se o baptismo de Jesus por João – quando o eu de Jesus de Nazaré se afastou de seus três corpos – abrigou, após o baptismo, na plenitude da consciência, essa personalidade superior da Humanidade que ordinariamente atua na criança com uma sabedoria cósmica, sem que o homem tenha consciência disso. Em consequência desse facto, a aludida personalidade ligada ao mundo espiritual só pôde viver três anos no organismo humano de Jesus. Os acontecimentos tinham forçosamente de resultar, ao cabo de três anos, no fim da vida terrestre desse ser.

Os factos históricos ocorridos na vida de Jesus Cristo devem ser considerados uma consequência das causas interiores que acabamos de expor. São a *expressão exterior* dessas causas.

Assim se estabelece a profunda conexão entre o que representa o guia dentro do homem (esse guia que surge confusamente ao raiar da consciência infantil, estando em actividade permanente como a melhor parte de nosso ser, sob a superfície de nossa consciência) e a força que penetrou em dado momento na evolução da Humanidade, podendo viver durante três anos num envoltório humano.

Procuraremos saber o que se manifesta nesse eu “superior” ligado às Hierarquias, que penetrou no corpo humano de Jesus de Nazaré e cuja descida, por isso mesmo, é simbolizada com o Espírito Santo baixando como uma pomba e pronunciando as palavras: “Este é meu Filho bem-amado, hoje eu o engendrei” (pois esse era o texto original). Ao imaginar esse quadro, temos diante de nossos olhos o mais elevado ideal humano. Ele nos ensina que o sentido da história de Jesus de Nazaré se resume nisto: em cada indivíduo humano se reconhece a presença do Cristo! E mesmo que não houvesse evangelho algum e nenhuma tradição nos dissesse que um Cristo viveu sobre a Terra, bastaria conhecer a natureza humana para se saber que o Cristo vive dentro do homem.

Conhecendo-se as forças que actuam na infância, descobre-se o Cristo dentro do homem. Surge agora uma pergunta: acaso o *aludido* conhecimento prova-nos também que esse Cristo viveu realmente na Terra, num corpo humano? Sem valer-nos de documento algum, podemos responder afirmativamente. Um real conhecimento clarividente de si mesmo leva o *homem de nossos dias* ao conhecimento de que dentro da alma humana se podem encontrar forças provenientes desse Cristo. Durante os três primeiros anos da infância essas forças actuam sem a participação do homem. Mais tarde *poderão* actuar se o homem, por meio de um aprofundamento interior, procurar o Cristo dentro de si próprio. Mas se actualmente é possível encontrar o Cristo dentro de nós mesmos, nem sempre o foi. Houve épocas em que nenhuma espécie de concentração interior podia conduzir o homem ao Cristo. É novamente o conhecimento clarividente que nos demonstra esse facto. No interregno de tempo entre a época em que o homem não podia encontrar o Cristo dentro de si e a actualidade, o Cristo viveu na Terra.

E essa vida terrestre do Cristo é que possibilitou ao homem encontrar, da maneira que acabamos de indicar, o Cristo dentro de si. Assim, o conhecimento clarividente não tem necessidade de documento histórico algum para provar a vida terrestre do Cristo.

É como se o Cristo houvesse dito: “Quero ser um ideal que lhes mostre em espírito aquilo que já se manifestou na corporalidade.” Nos primeiros anos da existência, é do espírito que o homem recebe os ensinamentos que lhe permitem caminhar – ou seja, é

de acordo com esses ensinamentos que ele traça seu caminho na vida terrestre. Ele aprende a falar, isto é, a formular a verdade de acordo com o espírito – ou, com outras palavras: aprende, nos três primeiros anos de vida, a formular a essência da verdade por meio da palavra. E também a vida, que é própria do eu humano na Terra, só pode impregnar o organismo vital graças às conquistas feitas nos três primeiros anos da existência. Assim o homem aprende a caminhar com o próprio corpo, isto é, a encontrar o “Caminho”; aprende a exprimir a “Verdade” por meio de seu organismo, e aprende a extrair do espírito a “Vida”, fazendo-a manifestar-se no corpo. Não se pode imaginar outra interpretação mais significativa para as palavras: “Se não vos converterdes em criancinhas, não entrareis no reino dos céus.” São realmente grandiosas as palavras que exprimem a identidade do Cristo: *Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida!* Do mesmo modo como as forças espirituais superiores estruturam o organismo infantil – sem que a criança tenha consciência disso – para que ele seja a expressão corpórea do Caminho, da Verdade e da Vida, também o espírito humano, compenetrando-se gradualmente com o Cristo, converte-se em portador *consciente* do Caminho, da Verdade e da Vida. No decurso da vida ele se transforma na força que na infância reina nele sem a participação de sua consciência.

Essas palavras sobre o Caminho, a Verdade e a Vida são próprias para abrir as portas da Eternidade. Se o autoconhecimento se tornar verdadeiro e essencial, essas palavras ressoarão partindo das profundezas da alma.

Essas considerações esclarecem duplamente a direcção espiritual do homem e da Humanidade. Pelo conhecimento de si próprio ele encontra dentro de si o Cristo, reconhecendo-o como o guia ao qual, desde a vida terrestre do Cristo, sempre podemos recorrer por estar sempre em nós. E em seguida, aplicando aos documentos históricos as verdades descobertas sem seu auxílio, reconhece-se a verdadeira natureza desses documentos. Eles exprimem, sob uma forma histórica, aquilo que se revela por sua própria virtude no interior da alma. Por esta razão devem ser considerados como aquela *directriz* cuja finalidade é conduzir a alma a si mesma.

Assim se esclarece o sentido eterno destas palavras: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida!”, pois então compreendemos quão injustificada é a seguinte pergunta: por que, após tantas reencarnações, o homem continua a voltar à existência sob a forma de criança? Essa aparente imperfeição é uma recordação permanente daquilo que há de mais elevado no homem. E nunca é demais recordar – pelo menos à entrada de uma existência – o que é o homem em relação à entidade sobre a qual repousa toda a existência terrestre, sem que a possam atingir as imperfeições dessa existência.

Na Ciência do Espírito ou Teosofia, ou no ocultismo em geral, não se deve abusar das definições e dos conceitos abstractos. É preferível procurar caracterizar a existência real e despertar uma sensação que nos permita imaginar a realidade. Assim, procuramos despertar um sentimento daquilo que caracteriza os três primeiros anos da vida humana e de seu nexos com a luz que irradia da cruz do Gólgota. Sentimos a existência de um impulso que perpassa a evolução humana e transforma em realidade as palavras de São Paulo: “Não sou eu, mas o Cristo em mim!” Basta saber o que o homem é na realidade para se ascender desse conhecimento à compreensão da entidade do Cristo. Quando, porém, por meio de uma observação correcta da natureza humana se chega a essa ideia do Cristo, e quando se sabe que a melhor maneira de descobrir o Cristo é procurá-lo dentro de nós próprios, remontando então aos primórdios bíblicos, só então a Bíblia adquire seu grande valor. Não existe ninguém que melhor e mais conscientemente saiba valorizar a Bíblia do que quem encontrou o Cristo da maneira aludida. Suponhamos que um ser, digamos um habitante de Marte, que nunca tivesse

ouvido falar do Cristo e de sua actuação, descesse à Terra. Muitos factos que se passaram na Terra não seriam compreendidos por esse ser marciano; muitas coisas que actualmente interessam ao homem não teriam interesse para esse ser. Mas haveria de interessá-lo o impulso central da evolução terrestre: a ideia crística, tal como se exprime na entidade humana. Se compreendermos a importância dessa ideia, saberemos apreciar devidamente a Bíblia, pois encontraremos nela, expresso de forma maravilhosa, o que já havíamos conhecido dentro de nós; e ficaremos sabendo que não precisamos ser instruídos para uma especial apreciação dos Evangelhos, porém nos aproximamos deles com plena consciência. E o que aprendemos por meio da Ciência Espiritual fará com que eles se nos apresentem em toda a sua grandiosidade.

Podemos afirmar que futuramente muitas pessoas adquirirão, por meio da Ciência Espiritual, a compreensão correcta do conteúdo dos Evangelhos; essas pessoas verão nas Sagradas Escrituras um guia da Humanidade, e dar-lhe-ão um valor maior do que lhes foi dado até hoje. Conhecendo a entidade humana em sua essência, a Humanidade adquirirá a compreensão desses textos profundos. Poderemos dizer então que encontramos nos Evangelhos algo referente à própria essência do homem, justamente porque os homens que escreveram esses documentos na Terra o introduziram neles; para os autores desses documentos, o conhecimento de nossa própria natureza, adquirido por meio de meditações de acordo com a realidade, deve ter, portanto, um valor especial – progressivamente com o avançar da idade. Praticamos inúmeras acções que só compreendemos muitos anos mais tarde; podemos considerar os autores dos Evangelhos pessoas que escreveram sob a inspiração do Eu Superior que atua na primeira infância. Assim sendo, os Evangelhos são obras provenientes da mesma sabedoria que estrutura o ser humano. O homem, em seu corpo, manifesta o espírito; os Evangelhos revelam o espírito por meio da linguagem escrita.

Nessas condições, o conceito da inspiração adquire novamente seu significado correcto. Assim como forças superiores estruturam o cérebro nos três primeiros anos da infância, do mesmo modo se imprimiram, nas almas dos Evangelistas, forças oriundas dos mundos espirituais, as quais ditaram os Evangelhos. Nesse facto se revela a direcção espiritual da Humanidade. Uma Humanidade é realmente *guiada* quando dela fazem parte pessoas cujas revelações provêm das mesmas forças que plasmam com tanta sabedoria o ser humano. E assim como o indivíduo se exprime ou age de um modo que somente compreenderá mais tarde, a Humanidade em seu conjunto produziu nos Evangelistas os intermediários graças aos quais recebeu revelações que só pouco a pouco se tornarão compreensíveis. A compreensão desses textos acompanhará o progresso da Humanidade. O homem pode sentir dentro de si mesmo a direcção espiritual; a Humanidade, em seu conjunto, pode senti-la nas pessoas que actuam, como o fazem os Evangelistas.

Essa ideia da direcção da Humanidade pode ser ampliada sob muitos aspectos. Suponhamos que um homem tenha encontrado discípulos – algumas pessoas que o reconhecem como mestre. Esse homem, se tiver o conhecimento de si próprio, verá que o facto de ter encontrado discípulos despertará nele o seguinte sentimento: “O que tenho a dizer não provém de mim.” É como se forças espirituais dos mundos superiores quisessem comunicar-se aos discípulos, encontrando no mestre o instrumento adequado para manifestar-se.

Esse instrutor pensará: “Quando eu era criança, evoluí graças ao trabalho que exerci sobre mim mesmo por meio de forças oriundas do mundo espiritual; e ainda agora, o melhor que posso oferecer de mim deve provir dos mundos espirituais; *não* devo considerá-lo um apanágio de minha consciência normal. É algo demoníaco, uma espécie

de *daimon*” – “demónio”, no sentido de uma potência espiritual *boa* – “que por meu intermédio age do mundo espiritual sobre os discípulos.” Era esse o sentimento de Sócrates, que, conforme Platão, falava de seu “demónio” como de um ser que o guiava e dirigia. Procurou-se explicar de muitas maneiras esse “demónio” de Sócrates. Mas a única explicação é que Sócrates nutria pensamentos e sentimentos semelhantes aos enunciados por nós. Compreenderemos então que, durante os três ou quatro séculos em que o pensamento socrático actuou na Grécia, difundiu-se ali um estado de alma que preparou um outro grande acontecimento. O sentimento de que o homem, tal como nós o vemos, não representa *inteiramente* o ser oriundo dos mundos superiores, continuou a exercer sua influência. Os melhores dentre os que perceberam esse facto foram os mesmos que, mais tarde, melhor compreenderam estas palavras: “Não sou *eu*, mas o Cristo em mim!”, pois puderam pensar: “Sócrates falou de uma força demoníaca que age dos mundos superiores; pelo ideal crístico compreendemos perfeitamente o que Sócrates quis dizer. Só que Sócrates ainda não podia falar do Cristo, pois no tempo em que viveu ninguém podia ainda encontrar *dentro de si próprio* a entidade crística.”

Descobrimos assim um novo aspecto da direcção *espiritual* da Humanidade: nada pode ser introduzido no mundo sem preparação. Por que razão Paulo encontrou justamente na Grécia seus melhores discípulos? Porque o socratismo preparara ali um solo favorável, por meio do referido ambiente espiritual. Isso significa que o que sucede mais tarde na evolução da Humanidade liga-se a influências anteriores, que prepararam os homens para receber a influência dos factos futuros. Não podemos sentir ali a vastidão do impulso que orienta a evolução humana e coloca no mundo, no momento devido, as pessoas necessárias? Tais são os factos em que, num primeiro olhar, manifesta-se de forma geral a direcção da Humanidade.

II.

Há um notável paralelismo entre o que se passa na evolução do indivíduo e o que impera na evolução da Humanidade; percebemos isso ao considerar o que os mestres e sábios do antigo Egipto revelaram aos antigos gregos sobre a direcção da vida espiritual egípcio. Um egípcio, a quem um grego perguntou por quem fora ele dirigido e conduzido desde os tempos mais antigos, respondeu: “Nos tempos remotos da Antiguidade eram os *deuses* que reinavam sobre nós e nos instruíam, e só mais tarde vieram homens como guias.” O primeiro guia que apareceu sob forma física se chamava *Menes*, diziam os egípcios aos gregos; foi o primeiro guia com aparência humana. Em resumo: de acordo com os relatos dos gregos, os dirigentes do povo egípcio referiam ter havido tempos em que os próprios deuses dirigiam e guiavam o povo. Devemos compreender de modo adequado essa antiga tradição. Que queriam dizer os egípcios ao afirmar: “Os deuses foram nossos reis e nossos grandes mestres”? Queriam dizer que, caso se retornasse aos tempos primitivos do povo egípcio e se interrogasse aos homens que sentiam em si próprios uma espécie de sabedoria dos mundos superiores “Quem são, na realidade, vossos mestres?”, eles responderiam: “Se eu quisesse falar de meu verdadeiro mestre, não me referiria a este ou aquele homem, porém me transportaria a um estado de clarividência,” (pela Ciência Espiritual sabe-se que isso era relativamente mais fácil na Antiguidade do que em nossos dias) “e então encontraria meu verdadeiro inspirador, meu verdadeiro mestre; ele só se aproximará de mim se meus olhos espirituais estiverem abertos.” No antigo Egipto desciam das alturas dos mundos espirituais essas entidades que se revelavam aos homens sem encarnar-se em corpos

físicos humanos. Foram de facto os deuses que, no Antigo Egipto, reinaram e instruíram, por intermédio de homens dotados de um corpo físico; por “deuses” os antigos egípcios compreendiam os seres que precederam o homem em sua evolução.

De acordo com a Ciência Espiritual, a Terra, antes de se tornar “Terra”, passou por um outro estado planetário que chama-mos de “estado lunar”. Durante essa etapa, o homem ainda não era homem no sentido da actualidade; porém na antiga Lua havia outros seres, diversos da forma humana de hoje, seres de outra espécie, mas que se encontravam então no mesmo grau de evolução que o homem atingiu actualmente na Terra. Pode-se, portanto dizer que no antigo planeta Lua, desaparecido e do qual se originou mais tarde a Terra, viviam entidades precursoras dos homens. No esoterismo cristão elas se chamam *Anjos (Angeloi)*; as que lhes estão acima têm o nome de *Arcanjos (Archangeloi)*. Estas últimas entidades foram homens numa fase anterior à dos Anjos. Os seres chamados, no esoterismo cristão, de Anjos ou *Angeloi* e na mística oriental *entidades dhyânicas* foram “homens” durante o período lunar. Esses seres estão, portanto, durante o período terrestre – caso hajam atingido a meta de sua evolução lunar – um grau acima dos homens. O homem atingirá, no fim da evolução terrestre, o nível que essas entidades atingiram no fim da evolução lunar. Quando começou o estado terrestre de nosso planeta e o homem surgiu na Terra, essas entidades não se podiam revestir de uma forma humana. O corpo humano carnal é um produto essencialmente terrestre, apropriado apenas às entidades que constituem a Humanidade presente. Quanto às entidades que se encontram um grau acima dos homens, no começo da evolução da Terra, elas não podiam encarnar-se em corpos humanos; só podiam participar do governo terrestre utilizando-se da clarividência dos homens antigos para iluminá-los e inspirá-los, influenciando assim a direcção dos acontecimentos terrestres.

Os antigos egípcios recordavam-se desses estados de consciência em que as personalidades dirigentes viviam em contacto com as entidades chamadas deuses, Anjos ou seres dhyânicos. Que espécie de entidades eram essas que não se encarnavam como homens, não tomavam uma forma humana carnal, mas actuavam sobre a Humanidade da maneira aludida? Elas eram precursoras dos homens que já haviam ultrapassado a etapa humana.

Em nossa época, muito se abusa de um termo que teria aqui seu uso adequado: “super-homem”. Esse termo se aplica perfeitamente a essas entidades que já no período lunar – a etapa planetária anterior à nossa Terra – eram homens e agora se encontram um grau acima dos homens. Elas só podiam manifestar-se ao clarividente num corpo etérico. Assim se mostravam, baixando dos mundos espirituais à Terra, e governavam a Terra ainda nos tempos que se seguiram ao período atlântico.

Essas entidades tinham a notável faculdade – e possuem-na ainda hoje – de não precisar pensar; pode-se mesmo dizer que nem podem pensar como o homem. De que modo pensa o homem? Ele parte de um certo ponto que julga ter compreendido e, a partir desse ponto, procura entender outras coisas. Se não fosse assim, a instrução não seria para tanta gente tão difícil de adquirir. Não se pode aprender matemática de um dia para o outro, porque é preciso começar em dado ponto e ir avançando lentamente. Isso requer tempo. Não se pode abranger de relance um mundo de pensamentos, porque o pensamento humano evolui *no tempo*. Não se pode erigir de um só golpe um edifício mental na alma. É preciso esforçar-se para encontrar a sequência dos pensamentos. As entidades de que falamos não possuem essa característica humana; um amplo edifício mental surge nelas com a mesma rapidez com que um animal decide pegar algo que seu instinto lhe diz ser comestível. Instinto e reflexão consciente são, nessas entidades espirituais, uma só coisa. Assim como os animais possuem instintos em seu grau de

evolução e em seu reino, essas entidades dhyânicas ou *Angeloi* possuem um pensamento espiritual instantâneo, a representação mental imediata. Essa vida interior mental instintiva é que as distingue essencialmente dos homens.

Agora se pode compreender, com facilidade, ser impossível a essas entidades utilizar-se de um cérebro ou de um corpo físico, tais como os possuem os homens. É necessário que se sirvam de um corpo etérico, pois um corpo humano e um cérebro humano só transmitem os pensamentos no tempo, ao passo que essas entidades não formam os pensamentos no tempo, porém sentem, por assim dizer, fulgurar dentro de si mesmas a sabedoria que recebem. É impossível que cometam erros em pensamentos, como o homem. O fluxo de seu pensamento é uma inspiração imediata. Daí provém a certeza, por parte das personalidades capazes de aproximar-se dessas entidades sobre-humanas ou angélicas, de se encontrarem em presença da sabedoria infalível. Quando no antigo Egipto os homens investidos das funções de instrutores ou de reis se encontravam diante de seu guia espiritual, sabiam que os mandamentos e as verdades que ele exprimia possuíam uma verdade *infalível*, não podendo ser falsas. E essa certeza se transmitia àqueles que recebiam essas verdades.

Os guias clarividentes da Humanidade falavam de modo a transmitir aos homens a crença de que estavam recebendo, por meio de sua própria palavra, as verdades oriundas do mundo espiritual. Em resumo, uma corrente directa se elevava às Hierarquias espirituais superiores.

Pode-se ver actuar, no Universo em que evolui a Humanidade, as potências que guiam a infância sob a forma da hierarquia espiritual mais próxima do homem, a dos *Angeloi* ou entidades sobre-humanas, situadas um grau acima dos homens e integrantes das esferas espirituais. Elas conduzem à Terra as forças necessárias ao progresso humano. Na criança, é na formação do corpo que elas imprimem sua marca; e foi graças à mesma influência que se formou a cultura pré-histórica da Humanidade.

Ao falar de um contacto com o divino, os egípcios sentiam que a alma da Humanidade se abria ao influxo das Hierarquias espirituais. Assim como a alma infantil abre sua aura às Hierarquias, a Humanidade inteira, até à época já aludida por nós, também se foi desenvolvendo sob a actuação das Hierarquias com as quais estava em contacto.

Esse contacto não foi em parte alguma mais intenso do que entre os santos mestres da Índia, os grandes mestres da primeira cultura pós-atlântica, a primeira cultura hindu, que se estendia ao sul da Ásia. Após a catástrofe atlântica, quando a fisionomia da Terra se modificou, dando lugar, na parte austral, à forma actual da Ásia, Europa e África, apareceu – bem antes dos tempos a que aludem os mais antigos relatos – a cultura dos antigos mestres da Índia. Os homens de hoje fazem, em geral, uma ideia bastante falsa desses grandes mestres hindus. Se um erudito de nossos tempos se encontrasse diante de um desses grandes mestres, teria uma expressão de surpresa e talvez dissesse: “Como? Esse homem é um ‘sábio’? Nunca imaginei um sábio assim!” Pois os antigos santos mestres da Índia nada saberiam dizer que os eruditos de hoje pudessem considerar inteligente ou sensato. Para a compreensão da época actual, eles eram pessoas ingénuas e simples, que teriam respondido da maneira mais chã mesmo a questões referentes à vida quotidiana. E havia períodos inteiros em que só se conseguiria deles uma ou outra palavra, que a um erudito de hoje pareceria bem insignificante. Mas havia outros períodos em que eles se manifestavam de modo diferente daquele de homens simples. Durante esses períodos era necessário que se reunissem em número de sete, pois o que cada um deles podia sentir em particular tinha de harmonizar-se, como num acorde de sete tons, com o sentimento dos outros seis sábios; desse modo, cada um deles, de

acordo com seu instrumento específico ou sua evolução específica, tinha a possibilidade de visualizar este ou aquele aspecto do mundo espiritual. E da harmonia resultante das visões de cada um formou-se um acorde que, aos que sabem decifrar os verdadeiros documentos ocultos, ressoa como um eco da sabedoria primordial. Esses documentos antigos não são revelações dos Vedas – por mais admiráveis que nos pareçam esses documentos: o ensinamento dos santos mestres da Índia é bem anterior à redacção dos Vedas, que são apenas um eco longínquo daquela sabedoria, malgrado tudo o que essa obra monumental encerra. Porém, quando esses homens se encontravam, cada um de per si, diante deste ou daquele precursor sobre-humano da Humanidade – ao terem eles a visão clarividente dos mundos superiores ou a audição clariaudiente do que lhe transmitiam esses precursores –, parecia como se um sol interior brilhasse através de seus olhos. E então o que eles diziam actuava poderosamente sobre seu ambiente, e assim todos os ouvintes tinham a consciência de que nesse momento não era uma vida ou sabedoria humanas, mas os próprios *deuses*, as entidades sobre-humanas, que actuavam na cultura terrestre.

Esse eco do saber dos deuses era o ponto de partida das antigas civilizações. Gradualmente, na época pós-atlântica, por assim dizer foi-se fechando a porta do mundo divino-espiritual, ainda aberta de par em par para a alma humana durante a época atlântica. E nos diversos países, nos diversos povos, percebeu-se que o homem tinha cada vez mais de recorrer às próprias forças. Tal se revela num outro sentido, na Humanidade, o mesmo que se revela na criança. Primeiramente penetra o mundo divino-espiritual, com sua força plástica criadora, na alma inconsciente da criança, moldando seu corpo; depois chega o momento em que o homem se sente um “eu”, momento até o qual poderá remontar mais tarde ao rememorar sua vida. Por isso se diz que o maior dos sábios pode beber ensinamentos da alma infantil. Em seguida, porém, o indivíduo é abandonado a si mesmo; a consciência do eu surge, e tudo se organiza de modo a possibilitar a recordação das experiências vividas.

Assim chegou também, na vida dos povos, o instante em que eles se sentiram isolados da inspiração divina de seus avoengos. Assim como a criança é isolada pela aura que circunda sua cabeça nos primeiros anos de existência, os avoengos divinos se retiraram cada vez mais da vida dos povos, ficando os homens limitados às suas próprias pesquisas, à sua própria ciência. Quando a História relata esses factos, sente-se a direcção da Humanidade penetrando gradualmente. Os egípcios deram o nome de “Menes” ao homem que inaugurou a primeira cultura “humana”, e diziam ao mesmo tempo que dessa forma o homem adquiriu também a possibilidade de *errar*, porque de então em diante ficou reduzido ao instrumento de seu cérebro. Essa possibilidade de erro é simbolizada pela imagem do *labirinto*, na época em que os deuses abandonaram os homens. O labirinto representa as circunvoluções cerebrais, instrumento dos pensamentos humanos, onde o portador desses pensamentos se pode perder. Os orientais chamavam de *Manas* o homem como ser pensante, e de *Manu* o primeiro pensador. O primeiro artífice do principio mental humano foi, para os povos gregos, *Minos*, e a lenda do labirinto também se relaciona com Minos, pois os homens perceberam que, após essa época, a direcção divina cedia lugar a outra espécie de direcção, que proporcionava ao “eu” uma vivência diferente das influências do mundo espiritual superior.

Além daqueles avoengos do homem, desses verdadeiros super-homens, que na Lua absolveram sua condição humana tornando-se Anjos, existem outras entidades que não chegaram, na Lua, à meta de sua evolução. As entidades que no misticismo oriental são chamadas entidades dhyânicas e no esoterismo cristão *Angeloi* terminaram na antiga Lua sua evolução, e quando o homem principiou na Terra sua carreira já estavam um

grau evolutivo acima dele. Mas existiam outras entidades que não haviam terminado sua evolução humana na antiga Lua, assim como as categorias superiores das entidades luciféricas tampouco haviam terminado a sua. Ao começar o período terrestre de nosso planeta, o homem, no sentido já aludido, não era seu único habitante, mas recebia a inspiração das entidades divino-espirituais; do contrário não poderia – assim como a criança – avançar na evolução. Por essa razão, além desses homens infantis, na Terra havia também, de uma forma indirecta, as entidades que haviam terminado sua evolução na Lua. Mas entre elas e o homem existiam ainda entidades que não haviam terminado essa evolução lunar, sendo de uma espécie superior aos homens, porque já durante o antigo período lunar puderam tornar-se Anjos ou entidades dhyânicas. Mas naquela época não chegaram ao amadurecimento completo, tendo-se conservado um grau abaixo dos Anjos; com relação, porém, ao ponto que o homem atingira, estavam muito mais avançadas do que ele. São, no fundo, aquelas entidades pertencentes ao grau mais baixo nos exércitos dos espíritos luciféricos. O reino das entidades luciféricas já começa com essas entidades, situadas entre o homem e o Anjo.

É fácil ser induzido em erro ao se pensar nessas entidades. Poderia surgir a seguinte pergunta: por que razão os espíritos divinos, os dirigentes do bem, permitiram que essas entidades se atrasassem na evolução, inoculando assim o princípio luciférico na Humanidade? Poderíamos pensar também que os deuses bons dirigem tudo no sentido do bem. Essa questão se apresenta incontinente. E outro mal-entendido se exprime na opinião de que essas entidades seriam entes “maus”. Essas duas opiniões não passam de um mal-entendido. Essas entidades não são, em absoluto, simplesmente “más”, apesar de terem dado origem ao mal na evolução da Humanidade, porém ocupam um lugar entre os homens e os super-homens. Sob alguns aspectos, ultrapassam o homem em perfeição. Em todas as faculdades que o homem ainda tem de adquirir, essas entidades já atingiram um grau elevado de perfeição; elas se diferenciam dos precursores dos homens porque – não tendo terminado sua etapa humana na Lua – são ainda capazes de encarnar-se em corpos humanos durante o período em que o homem evolui na Terra. As entidades propriamente dhyânicas ou angélicas, que são as grandes inspiradoras dos homens e às quais aludiam os egípcios, não se manifestavam em corpos humanos, só podendo manifestar-se *através* dos homens; ao passo que as entidades situadas num grau intermediário entre os homens e os Anjos ainda podiam, em tempos pré-históricos, encarnar-se em corpos humanos. Por isso, durante a época lemúrica e atlântica encontram-se na Terra, entre os homens, entidades cuja natureza interior anímica é a de um ser angélico retardado na evolução; nos primitivos tempos lemúricos e atlânticos não habitavam na Terra apenas homens comuns, que em razão de suas sucessivas encarnações deverão atingir o ideal na evolução humana, mas também outros seres que exteriormente se assemelhavam aos homens. Eles necessitavam revestir-se de um corpo humano, porque a forma exterior de um homem encarnado dependia das condições físicas. Especialmente nos períodos mais antigos da civilização, viviam entre os homens seres pertencentes à mais baixa categoria das individualidades luciféricas. Ao lado das entidades angélicas, que actuavam na evolução humana através dos homens, encarnavam-se também as aludidas entidades luciféricas, que foram as fundadoras de civilizações em diversas regiões. E quando, nas lendas populares de antigos povos, alude-se a essa ou aquela grande individualidade fundadora de uma civilização, não se deve crer que essa individualidade seja a encarnação de um ser luciférico forçosamente maldoso; tais entidades espalharam na civilização humana incontáveis benefícios.

A Ciência Espiritual nos ensina que nos tempos antigos, especialmente na Atlântida, existia uma espécie de *língua primordial* da Humanidade, um idioma em toda a superfície da Terra. A “linguagem” naqueles tempos recuados emanava, muito mais do que hoje, das profundezas da alma. Pode-se perceber esse facto pelo seguinte: no período atlântico, as impressões do exterior actuavam de modo tal sobre os homens que a alma, ao pretender exprimi-las, era obrigada a manifestar-se pela articulação de uma consoante. O que existia no espaço tendia a ser imitado pela consoante. Os gemidos do vento, o rugido das ondas, a protecção oferecida por um teto, davam origem a sentimentos que se exprimiam pelas consoantes, que eram uma imitação desses fenómenos ou coisas. Ao contrário, as impressões interiores de sofrimento e de alegria, ou as sensações de outro ser, eram imitadas com a expressão de uma vogal. Isso demonstra que a alma, por meio da linguagem, sentia-se em íntima comunhão com os fenómenos ou entidades exteriores. A Crónica do Akasha revela-nos o seguinte:

Suponhamos um homem se aproximando de uma choupana que, em sua primitiva forma, com seu teto abobadado, oferecia abrigo e protecção a uma família; esse homem contemplava a forma da abóbada que cobria a morada familiar. A protecção que se exprimia nas formas da choupana era expressa por ele com uma consoante; quanto ao bem-estar sentido pelas almas encarnadas que ali viviam, sugeria-lhe a expressão de uma vogal. O homem pensava então: “protecção”, “tenho protecção”, “protecção sobre os corpos humanos”. Esse pensamento se derramava então em consoantes e vogais que não podiam ser outros, por serem a expressão imediata da vivência interna.

Assim acontecia em toda a Terra. A “língua primordial” não é uma quimera; existiu realmente. E, em certo sentido, os iniciados de todos os povos ainda podem vibrar aos ecos dessa linguagem original. Em todas as línguas há certas sonoridade onde se manifestam os últimos ecos dessa língua primordial humana.

Essa linguagem nasceu na alma humana sob a inspiração das entidades sobre-humanas, os verdadeiros precursores do homem, que haviam terminado sua evolução na Lua. Disso resultou o seguinte: se as coisas houvessem evoluído só nessa direcção, o género humano em peso teria permanecido uma vasta comunidade homogénea; a língua e o pensamento seriam um só em toda a Terra. A individualidade, a variedade não se teriam podido desenvolver – e por consequência, a liberdade humana tampouco existiria. Para que o homem pudesse tornar-se uma individualidade, era necessário haver cisões da Humanidade. Se a linguagem se diferenciou nas diversas regiões da Terra, isso se deve à acção dos instrutores em que se encarnaram entidades luciféricas. O ser angélico retardatário, encarnado nesse ou naquele povo, ensinava essa ou aquela língua aos homens. É a esses grandes luzeiros, os seres angélicos retardatários, muitíssimo mais evoluídos do que os homens à sua volta, que se deve a diversidade dos idiomas. Os seres, por exemplo, que a lenda nos descreve como os heróis primitivos do povo grego ou de outros povos, e que actuavam sob forma humana, eram entidades angélicas retardatárias encarnadas. Não se deve considerar essas entidades apenas como potências “más”. Pelo contrário: elas doaram ao homem o fermento da liberdade, sem o qual a Humanidade se teria tornado um todo completamente homogéneo, sem diferenciações. O que se passou no domínio da linguagem passou-se também em muitos outros domínios da vida. Tudo o que significa individualização, diferenciação, liberdade pode-se dizer que provém das entidades retardatárias da Lua. Sem dúvida, a intenção da Sabedoria que dirige o Cosmo é auxiliar todas as entidades a chegar à sua meta na evolução planetária; porém se essa meta fosse atingida de modo imediato, não se poderia atingir certas finalidades. Certas entidades são retardadas em seu progresso a fim de cumprir determinadas missões na evolução da Humanidade. Por essa razão, aos

seres que atingiram a meta de sua evolução na Lua, só podendo fazer da Humanidade um todo homogêneo, foram dados por opositores os seres retardatários da Lua, os quais, em razão de seu retardo, adquiriram a possibilidade de utilizar para o bem as faculdades que neles representavam um erro.

Assim, podemos considerar os factos de um ponto de vista ao indagar as origens do mal, da perversidade, da imperfeição e das enfermidades. Apliquemos a esses problemas o mesmo critério usado quanto aos seres angélicos imperfeitos. Tudo o que em determinado período representa uma imperfeição, um atraso, é transformado em bem no decorrer da evolução. Não é preciso frisar que esta verdade absolutamente não justifica as más acções do homem.

Esse facto nos dá resposta à seguinte questão: por que razão a Sabedoria que rege o Cosmo permite a certas entidades que se atrasem na evolução, não atingindo assim sua meta? Justamente porque, no período subsequente, esse facto encontrará sua justificação. Quando os povos ainda não podiam conduzir-se e guiar-se sozinhos, viveram os instrutores das diferentes épocas culturais e do homem individualmente. E todos esses instrutores dos povos – Kadmos, Queops, Pelops, Teseu, etc. – traziam, de certo modo, uma entidade angélica nas profundidades de sua alma. Isso demonstra que a Humanidade, também nesse sentido, estava sob uma direcção espiritual.

Ora, em cada grau de evolução há entidades que se retardam, que não chegam à meta possível de atingir. Consideremos mais uma vez o antigo período cultural egípcio, que floresceu há milénios às margens do Nilo; nessa época, manifestaram-se aos egípcios os instrutores sobre-humanos que os próprios egípcios consideravam guias divinos. A seu lado, porém, actuavam outras entidades que haviam atingido o grau de Anjo só pela metade ou parcialmente. Na antiga cultura egípcia, o homem atingira determinado grau de evolução – isto é, as mesmas almas dos homens actualmente encarnados haviam atingido, na cultura egípcia, o nível correspondente a essa época. Mas o progresso do homem sob a direcção divina não pertence só a ele; determina também a evolução das entidades que o guiam e conduzem. Um Anjo, por exemplo, é *mais* do que era, após ter guiado os homens durante algum tempo. Em razão de sua actuação como guia, o Anjo evolui – tanto o Anjo completo quanto o de evolução retardada. Todos os seres podem caminhar na evolução; tudo se encontra em incessante evolução. Mas em cada grau há entidades que se retardam. No sentido do que dissemos acima, na antiga cultura egípcia distinguiram-se os guias divinos ou Anjos, depois os guias semidivinos, que não atingiram completamente o grau de Anjos, e por fim os homens. Mas certos seres da categoria dos super-homens se atrasaram de novo, isto é, a forma pela qual regem não lhes permite manifestar completamente suas forças, e durante o antigo período de cultura egípcia se retardam, permanecendo no grau de Anjo. Do mesmo modo, os super-homens incompletos também se retardam. Enquanto os homens progrediram cá embaixo na Terra, lá nas alturas, entre as entidades dhyânicas ou Anjos, certas individualidades permaneceram retardadas. Quando a cultura egípcia chegou a seu fim, dando lugar à greco-latina, existiam entidades-guias retardadas, da primeira dessas épocas culturais. Estas, porém, não podiam utilizar mais suas forças por terem sido substituídas por outros Anjos ou entidades semi-angélicas na direcção da Humanidade. A consequência disso é que ficaram entravadas também em sua própria evolução.

Assim, nosso olhar é conduzido para uma categoria de entidades que poderiam ter-se utilizado de suas forças durante a época egípcia, mas que nessa época não as utilizaram de todo. Na época seguinte, a greco-latina, não as puderam utilizar por terem sido substituídas por outros guias e também por ser-lhes impossível actuar, em razão do

carácter diferente dessa época. Assim como as entidades que na Antiga Lua não haviam atingido seu grau de Anjo tiveram mais tarde a missão de actuar de novo na evolução da Humanidade durante o período terrestre, do mesmo modo as entidades que se haviam retardado na cultura egípcio-caldaica, em seu papel de entidades-guias, têm a missão de actuar mais tarde, na civilização, como entidades retardadas. Assim, veremos surgir um período ulterior dirigido por entidades normalmente evoluídas, mas onde, a seu lado, actuam outras entidades retardadas num período anterior, especialmente as que se retardaram durante a época do antigo Egipto. O período aludido é o actual, em que vivemos hoje – quando, ao lado dos guias normais da Humanidade, actuam essas entidades que se retardaram na cultura egípcio-caldaica.

A evolução dos factos e dos seres só é explicável ao considerar-mos os fenómenos físicos como efeitos (manifestações) cujas verdadeiras causas residem no mundo espiritual. Nossa época cultural, observada em seu conjunto, de um lado pode ser considerada como um progresso em direcção à espiritualidade. No impulso de determinadas pessoas em direcção à espiritualidade se manifestam os guias espirituais da Humanidade presente, os quais completaram sua evolução normal. São eles que exercem sua influência em tudo o que eleva os homens ao que a Teosofia nos transmite da antiga sabedoria espiritual. Por outro lado, as entidades retardadas da cultura egípcio-caldaica impregnam também nossas tendências culturais modernas; tanto na acção como no pensamento de nossos tempos e do futuro próximo, manifestam-se de várias formas. Actuam em tudo o que confere à nossa cultura seu carácter *materialista*, podendo-se perceber sua influência até mesmo nas tendências espiritualistas de hoje. Vivemos uma espécie de renascimento da cultura egípcia em nossos dias. Assim, os guias invisíveis de tudo o que sucede no mundo físico se dividem em duas classes. A primeira se compõe das individualidades que até nossa época evoluíram normalmente. Elas puderam participar da direcção de nossa era, enquanto os guias da época greco-latina precedente terminaram progressivamente sua missão no decurso do primeiro milénio da era cristã. A segunda classe de guias, cujo trabalho se realiza juntamente com o da primeira, compreende as individualidades espirituais que não completaram sua evolução na cultura egípcio-caldaica. Elas se conservaram inactivas durante o período greco-latino, e actualmente podem retomar sua actividade em razão da semelhança existente entre nossa época e a egípcio-caldaica. Assim, vemos que hoje em dia há uma espécie de renascimento de forças que actuaram no antigo Egipto; mas entre essas forças, muitas há que então actuavam no sentido do espírito e agora reaparecem sob um aspecto materialista. Para citar um exemplo dessa transposição, pensemos em Kepler. Ele estava compenetrado pela harmonia cósmica, e esse facto se manifestou em sua notável descoberta das leis da mecânica celeste, as famosas leis de Kepler. Essas leis podem parecer áridas e abstractas, mas em Kepler nasceram de uma percepção da harmonia do Universo. O próprio Kepler escreveu que, para chegar às suas descobertas, teve de penetrar nos mistérios sagrados dos egípcios, apossar-se dos vasos de seus templos e assim trazer ao mundo verdades cuja importância só a posteridade compreenderá. Essas palavras de Kepler não são uma frase apenas – demonstram que nele existia a obscura consciência de um renascimento do que ele conhecera durante sua encarnação no antigo Egipto. Com todo o fundamento podemos imaginar que Kepler, durante uma de suas vidas anteriores, tenha conhecido a antiga sabedoria egípcia, tendo essa sabedoria ressurgido mais tarde em sua alma sob uma forma apropriada aos tempos presentes. Compreende-se que o génio egípcio tenha dado em nossa época um impulso ao materialismo, porque entre os egípcios a espiritualidade estava compenetrada de forte pendor materialista. Um exemplo disso era o embalsamamento dos mortos, que ilustra o

valor conferido à conservação do corpo físico. Essa tendência chegou até nós, manifestando-se sob outros aspectos. As mesmas forças que naquela época não chegaram ao termo de seu desenvolvimento actuam agora de novo, com modificações adaptadas à nossa época. A ideia da qual se originou o embalsamamento dos cadáveres reaparece hoje em dia nas doutrinas que rendem culto apenas à matéria. O egípcio embalsamava os cadáveres para conservar algo a que atribuía enorme valor. Julgava que a evolução da alma depois da morte estivesse relacionada com a conservação do corpo físico material. O anatomista moderno disseca o que vê, pensando aprofundar-se desse modo no conhecimento das leis que regem o organismo humano.

Na ciência contemporânea revivem as forças do antigo mundo egípcio-caldaico, as quais representam um atraso e que deve-mos *conhecer* para poder aquilatar devidamente o carácter de nossa época. Essas forças prejudicarão o homem de hoje caso ele não conheça sua natureza; mas ser-lhe-ão vantajosas se ele souber de que modo actuam, colocando-se diante delas com a atitude devida. Essas forças devem ser usadas para fins adequados; não fora assim, não teríamos hoje as grandes conquistas da técnica, da indústria, etc. São forças pertencentes a entidades luciféricas do grau inferior. Caso não sejam conhecidas em seu verdadeiro aspecto, considerar-se-ão então os impulsos materialistas da actualidade como os únicos possíveis, não se enxergando as outras forças que conduzem à espiritualidade. Por essa razão, em nossa época um conhecimento exacto deve falar de duas correntes espirituais.

Se a sabedoria que dirige o Universo não houvesse permitido que as aludidas entidades se retardassem durante o período egípcio-caldaico, faltaria à nossa civilização actual o peso necessário. Só actuariam as forças que arrastam impetuosamente os homens em direcção aos mundos espirituais. Os homens teriam enorme inclinação a abandonar-se ao poder dessas forças. Tornar-se-iam entusiastas fanáticos. Teriam interesse somente por uma existência que apressasse o mais possível a espiritualização, e em seu espírito se implantaria um certo desprezo pela parte físico-material. Mas a civilização actual só poderá cumprir sua missão caso as forças do mundo material cheguem ao seu apogeu, possibilitando assim a conquista de seu mundo para a espiritualidade. Assim como as coisas mais belas podem tornar-se um perigo ao homem que a elas se entrega unilateralmente, também o aludido exclusivismo representaria enorme perigo – o de transformar em fanatismo muitas boas intenções. Do mesmo modo como a Humanidade progride pelo desenvolvimento de seus nobres impulsos, é também verdade que o entusiasmo exagerado e o fanatismo transformam os mais nobres impulsos nos piores adversários da evolução correcta. É preciso aspirar às alturas espirituais com humildade e clara visão da realidade, e não com ânimo exaltado, para que o progresso da Humanidade seja incentivado de forma salutar. Para dar à época actual o peso necessário e a compreensão das coisas materiais e físicas, a sabedoria que dirige o Universo permitiu retardarem-se as forças que deveriam ter terminado sua evolução durante a época egípcia e que hoje em dia orientam o olhar dos homens para o plano físico.

Estas considerações demonstram que tanto as entidades normais quanto as retardadas participam da direcção da evolução. A visão clarividente pode observar a cooperação entre essas duas espécies de entidades no mundo supra-sensível, compreendendo, por consequência, a actividade espiritual da qual os fenómenos físicos do ambiente em que vivemos são a manifestação.

Por aí se vê que para a compreensão dos fenómenos cósmicos não basta desenvolver por meio deste ou daquele exercício os órgãos que permitem a visão e a audição no mundo espiritual. O que se consegue desse modo é apenas ver os fenómenos

e perceber as entidades, distinguindo os seres do mundo anímico ou da região do espírito. Mas além disso é necessário reconhecer a que categoria pertencem essas entidades. Pode-se encontrar essa ou aquela entidade da região da alma ou do espírito, ignorando no entanto se elas evoluem no sentido do progresso ou se pertencem à categoria dos poderes retardatários. As pessoas que adquirem as faculdades de clarividência, sem ao mesmo tempo possuir a compreensão das condições necessárias à evolução da Humanidade, nunca conseguirão saber de que espécie são as entidades que encontram. É preciso acrescentar à simples clarividência uma avaliação do que se viu no mundo supra-sensível. Esse discernimento é indispensável justamente em nossa época, não tendo sido sempre necessário em todas as épocas. Nas mais antigas culturas humanas encontramos outras condições reinantes. No antigo Egipto, ao aparecer a um clarividente uma entidade espiritual trazia, por assim dizer, escrita na fronte sua identidade. O clarividente não podia cair em erro. Actualmente, porém, é enorme a possibilidade de uma interpretação errónea. A Humanidade antiga ainda estava muito próxima do reino das Hierarquias espirituais, podendo reconhecer a espécie de seres com que deparava; mas hoje em dia é enorme a possibilidade de erro, e a única defesa contra um grave perigo é a procura de ideias como as que acabamos de expor.

Um homem que pode perceber o mundo espiritual é chamado, no esoterismo, de “clarividente”. Mas não basta ser clarividente, porque se podem ver as coisas sem poder discerni-las. A pessoa que adquiriu a faculdade de distinguir os seres e fenómenos dos mundos superiores é chamado de “iniciado”. Pela iniciação é possível distinguir as diferentes espécies de entidades. Pode-se ser clarividente sem ser iniciado. Nos tempos antigos, não era muito importante distinguirem-se as entidades; quando as antigas escolas ocultas desenvolviam a clarividência dos discípulos, o perigo de erro não era muito grande. Actualmente, porém, esse perigo é enorme, e por isso toda disciplina esotérica tem de preocupar-se em conduzir o discípulo, além da clarividência, também à iniciação. O homem, à medida que desenvolver a clarividência, deverá aprender a distinguir as diferentes espécies de entidades e processos espirituais.

A tarefa de manter o equilíbrio entre os princípios de clarividência e da iniciação apresentou-se, nos tempos modernos, às potências dirigentes da Humanidade. Ela se impôs no limiar dos tempos modernos aos guias da disciplina do espírito. A direcção espiritual esotérica que esteja de acordo com a evolução da actualidade tem, portanto, por princípio manter a correcta relação entre a clarividência e a iniciação. Isso se tornou necessário na época em que a Humanidade atravessava uma crise no domínio do conhecimento superior. Essa época foi o século XIII. Por volta do ano de 1250 terminou o período que marcou a separação mais profunda entre o homem e o mundo espiritual. Eis o aspecto que apresenta a mentalidade dessa época ao clarividente: os espíritos mais eminentes que aspiravam a um certo conhecimento superior raciocinavam do seguinte modo: “O que nossa razão, nosso intelecto, nosso conhecimento espiritual pode atingir limita-se ao mundo físico que nos rodeia; com nossas investigações e pelos poderes do conhecimento, o homem nunca conseguiria atingir um mundo espiritual. Só podemos conhecê-lo pelas informações que os homens do passado nos deixaram.” Essa foi a época de obscuridade na visão imediata dos mundos superiores. Não é sem razão que essas ideias floresceram na época do apogeu da escolástica.

Foi por volta do ano de 1250 que os homens tiveram de traçar uma fronteira entre o que se tinha de crer, de acordo com a impressão originada na tradição, e aquilo que podia ser objecto de conhecimento. O conhecimento ficou restrito ao domínio dos sentidos físicos. Em seguida, começou a época em que pouco a pouco se apresentou a possibilidade de reconquistar a visão do mundo espiritual. Mas essa nova clarividência é

de espécie diferente da antiga, que no dito ano de 1250 estava extinta em sua essência. Para a nova forma de clarividência, o esoterismo ocidental teve de manter estritamente o princípio de que cabe à iniciação dirigir a audição e a visão espirituais. Essa é a missão que a corrente esotérica que penetrou na Europa atribuiu a si própria. Com o ano de 1250 se iniciou uma nova espécie de direcção para levar o homem aos mundos supra-sensíveis.

Essa direcção foi preparada pelas individualidades que actuavam inspirando os acontecimentos históricos, tendo há muitos séculos tomado suas disposições para levar a disciplina esotérica a uma evolução dentro das condições requeridas em torno de 1250. Se não abusarmos da frase “esoterismo moderno”, esta poderá servir para definir o trabalho espiritual dessas pessoas altamente evoluídas. A História nada sabe sobre elas, mas sua acção é visível em todas as civilizações que evoluíram no Ocidente desde o século XIII.

A importância do ano de 1250 na evolução espiritual da Humanidade aparece em particular quando se leva em conta o resultado da pesquisa oculta residente no seguinte facto: mesmo as individualidades que em suas precedentes encarnações haviam atingido uma elevada evolução espiritual, tendo-se encarnado de novo ao redor do ano de 1250, tiveram de suportar durante algum tempo uma perturbação completa de seu poder de visão do mundo espiritual. Individualidades realmente iluminadas foram de certo modo afastadas do mundo espiritual, só obtendo conhecimento dele pela recordação de suas encarnações precedentes. Isso demonstra quão necessário era que um novo elemento interviesse na condução espiritual da Humanidade. Esse elemento foi o verdadeiro esoterismo moderno. É por meio dele que se pode obter o correcto entendimento da intervenção efectuada na condução da Humanidade e do indivíduo humano pelo que denominamos “impulso crístico”.

A partir do Mistério do Gólgota até o alvorecer do esoterismo moderno, decorreu a primeira fase da assimilação do princípio crístico pelas almas humanas. Durante essa fase, os homens receberam o Cristo sem nenhuma participação consciente de suas forças espirituais mais elevadas, de modo que mais tarde, quando foram forçados a recebê-lo conscientemente, cometeram toda espécie de erros e perderam-se num verdadeiro labirinto com relação à compreensão do Cristo. Nos primeiros tempos do cristianismo podemos notar que o princípio crístico se vai incorporando nas forças inferiores da alma. No período seguinte, em que ainda vivemos hoje, os homens começam a compreender o princípio crístico com as faculdades superiores da alma. Demonstraremos a seguir que a perda do conhecimento supra-sensível até o século XIII, bem como seu lento renascimento sob outra forma a partir dessa época, coincide com a penetração do impulso crístico na evolução da Humanidade.

Desse modo, o esoterismo moderno consiste em fazer do impulso crístico uma força activa na direcção das almas que querem adquirir o conhecimento dos mundos superiores, de acordo com as condições evolutivas da época actual.

III.

Pelas considerações do capítulo anterior, vimos que a direcção espiritual da evolução humana está entregue às entidades que passaram pelo estágio humano durante a precedente encarnação de nosso planeta terrestre, o antigo período lunar. A essa direcção se opõe uma outra que lhe coloca obstáculos mas em certa medida a favorece com esses entraves; essa influência contrária é exercida por entidades que não

terminaram sua própria evolução no período lunar. Trata-se de entidades que estão *imediatamente* acima dos homens, dentre as quais algumas auxiliam directamente a evolução e outras a favorecem, criando obstáculos e conferindo assim, às forças provenientes das entidades geradoras de progresso, força, firmeza, equilíbrio, ponderação e personalidade. De acordo com o esoterismo cristão, pode-se dar a estas duas classes de seres acima do homem o nome de Anjos (*Angeloi*). Acima desses seres se escalonam as demais Hierarquias superiores – os Arcanjos, os Arqueus, etc., que igualmente tomam parte na direcção da evolução humana.

Em cada uma dessas classes de entidades há vários graus de perfeição. No início da actual evolução terrestre, existiam Anjos altamente e outros menos evoluídos. Os primeiros haviam ultrapassado consideravelmente o mínimo de perfeição que podiam atingir na Lua. Entre os altamente evoluídos e os que haviam chegado a um mínimo de perfeição no término da evolução lunar e princípio da evolução terrestre, existem todos os graus intermediários possíveis. Cada entidade exerce sobre a evolução da Humanidade uma acção apropriada, de acordo com seu grau de adiantamento. No período egípcio de cultura, a Humanidade foi guiada por seres que haviam atingido na Lua uma perfeição maior do que a dos seres dirigentes da época greco-latina. E estes últimos eram, por sua vez, mais perfeitos que os guias da época actual. Durante as épocas egípcia e gregas os guias da Humanidade que deviam intervir mais tarde em sua direcção evoluíram, adquirindo assim a maturidade necessária para essa missão.

A partir da época da grande catástrofe atlântica, distinguem-se sete civilizações sucessivas: a primeira foi a proto-índica, depois a proto-pérsica *, a terceira foi a egípcio-caldaica, a quarta a greco-latina e a quinta a cultura em que vivemos ainda, e que começou a despontar no século XII, desenvolvendo-se gradualmente até hoje. A bem dizer, já se estão preparando em nossa época os sintomas da sexta civilização pós-atlântica, porque as várias épocas se entrecruzam. Uma sétima época vai seguir-se à sexta. Observando-se bem as coisas, eis o que se descobre a respeito da direcção da Humanidade:

Só durante o terceiro período cultural, o egípcio-caldaico, os Anjos (ou *dhyans* inferiores, na mística oriental) foram, para os homens, guias relativamente autónomos. Durante o período proto-persa isso não se deu. Naquela época os Anjos estavam submetidos, em grau muito maior do que na época egípcia, a uma direcção superior. Governaram a evolução conforme os impulsos da hierarquia imediatamente superior a eles, de modo que dirigiam a civilização mas, por sua vez, submetiam-se aos Arcanjos. E durante o período cultural hindu, em que, sob a orientação dos grandes instrutores humanos, a vida pós-atlântica atingiu alturas espirituais nunca mais alcançadas desde então, os Arcanjos, por sua vez, estavam sob a direcção dos Arqueus.

Seguindo, portanto, a evolução desde o período hindu através das culturas proto-persa e egípcio-caldaica, poderemos dizer que certas entidades das Hierarquias superiores se retiraram, por assim dizer, cada vez mais da direcção imediata da Humanidade. Ora, o que sucedeu durante o quarto período pós-atlântico, a época greco-latina? O homem se tinha tornado, de certa maneira, completamente autónomo. É verdade que as entidades dirigentes sobre-humanas intervieram na marcha evolutiva da Humanidade, mas o carácter dessa direcção era tal que as rédeas estavam pouco esticadas e os guias espirituais eram tão beneficiados pelas acções dos homens quanto estes tiravam proveito deles. Daí provém a natureza particular, integralmente “humana”, da época greco-romana, em que o homem está reduzido às suas próprias forças, firmando-se inteiramente em si próprio.

Os aspectos particulares da arte e da vida política, durante o período grego e romano, explicam-se pelo facto de o homem, por assim dizer, ter de desenvolver-se de acordo com suas peculiaridades de carácter. Nas épocas mais remotas da evolução das culturas, encontramos entidades que haviam terminado sua evolução em períodos planetários anteriores, atingindo então o estado “humano”. A quarta cultura pós-atlântica teve por meta pôr à prova principalmente o homem. Chegara o tempo em que a direcção espiritual da Humanidade tinha de tomar um forma nova. Os homens de hoje vivem na quinta época da cultura pós-atlântica. As entidades directrizes desta época pertencem à mesma hierarquia reinante entre os antigos egípcios e caldeus. De facto, as mesmas hierarquias dirigentes daquela época recomeçam sua actividade em nossos dias. Como vimos, certas entidades se retardaram durante a cultura egípcio-caldaica, e são elas que encontramos nos sentimentos e sensações materialistas de nossa época.

O progresso, tanto para as entidades normais como para as retardatárias, da classe dos Anjos (ou entidades dhyânicas inferiores), consiste no facto de, entre os egípcios e caldeus, terem elas podido ser guias em razão das faculdades que haviam adquirido em épocas remotíssimas, e sua missão de guias, por sua vez, fazia-as progredir cada vez mais. Assim, os Anjos evoluídos intervêm na direcção da quinta época cultural pós-atlântica, com faculdades adquiridas durante a terceira época – a egípcio-caldaica –, e esse progresso lhes possibilita a aquisição de faculdades especiais. Eles se tornam capazes de acolher em si mesmos as forças emanadas do mais importante ser de toda a evolução terrestre. A força do Cristo atua sobre eles. Esta força não atua somente, por meio de Jesus de Nazaré, no mundo físico, mas também nos mundos espirituais, sobre os seres sobre-humanos. O Cristo não existe somente para a Terra, mas também para essas entidades. As mesmas entidades que dirigiam a antiga cultura egípcio-caldaica não estavam então sob a direcção do Cristo; só a partir da época egípcio-caldaica se colocaram sob essa direcção – nisso consistindo seu progresso –, de modo que dirigem nosso quinto período de cultura pós-atlântica sob a influência do Cristo; elas o seguem nos mundos superiores. O atraso das entidades que agem paralisando a evolução é consequência de não se terem submetido à direcção do Cristo, e de actuarem independentemente dele. Assim, cada vez com maior clareza, evidenciar-se-á o seguinte na cultura humana: haverá uma corrente materialista sob a direcção dos espíritos retardatários egípcio-caldaicos, com um carácter materialista. A maior parte da ciência materialista de todos os países está sob sua influência. Mas já se manifesta uma outra corrente cuja finalidade é fazer com que o homem descubra, em todos os seus actos, o que podemos chamar de “princípio crístico”.

Há hoje em dia, por exemplo, pessoas que dizem o seguinte: em última análise, nosso mundo consiste em átomos. Quem inspira aos homens os pensamentos de que o mundo consiste em átomos? São os seres angélicos sobre-humanos que se retardaram na evolução durante o período egípcio-caldaico.

Qual será o ensinamento das entidades que atingiram sua meta na antiga esfera cultural egípcio-caldaica, tendo conhecido o Cristo naquela época? Elas poderão inspirar aos homens pensamentos diferentes da crença nos átomos materiais; poderão ensinar aos homens que a substância cósmica, até mesmo em suas menores partículas, está permeada pelo espírito do Cristo. E por mais estranho que pareça, no futuro haverá químicos e físicos que não ensinarão a química e a física como actualmente se faz, sob a influência dos espíritos retardatários egípcio-caldaicos; ensinarão que a matéria é estruturada conforme o *Cristo* a foi estruturando progressivamente! Encontrar-se-á o Cristo até mesmo nas leis da química e da física. No futuro, haverá uma química espiritual, haverá uma física espiritual. Hoje em dia essas ideias certamente parecerão a

muitas pessoas um sonho ou coisa pior, mas a razão do futuro é, com frequência, a loucura do passado.

Para o observador atento, os factores que nesse sentido actuam na evolução cultural já se fazem notar, embora ele conheça perfeitamente as objeções que poderão se feitas, do ponto de vista científico ou filosófico da actualidade, a essas pretensas loucuras.

Graças às considerações acima, sabemos *qual* a vantagem das entidades dirigentes sobre-humanas sobre o homem. Os homens conheceram o Cristo na quarta civilização pós-atlântica, na época greco-latina, isto é, quando o acontecimento crístico se deu na Terra. Nessa época os homens conheceram o Cristo. As entidades sobre-humanas o conheceram e se elevaram até ele durante a época egipto-caldaica. Depois tiveram de abandonar os homens a seu próprio destino durante a época greco-latina, para mais tarde intervir de novo na evolução humana. E quando se pratica Teosofia, isso significa reconhecer o facto de que as entidades sobre-humanas que conduziam os homens retomam agora sua missão sob a direcção do Cristo. O mesmo acontece com outras entidades.

Na antiga época persa, os Arcanjos participavam da direcção da Humanidade. Eles se colocaram sob as ordens do Cristo mais cedo do que as entidades que lhes são inferiores; Zaratustra mostrava o Sol a seus discípulos e a seu povo, dizendo: “No Sol vive o grande espírito Ahura Mazdao, que deverá descer à Terra!” Ora, as entidades da região dos Arcanjos, que guiavam Zaratustra, orientavam-no para chegar ao grande regente solar, que ainda não havia baixado ao nosso planeta mas tinha iniciado o caminho que o levaria a participar mais tarde, de modo *imediate*, da evolução terrestre. Quanto às entidades dirigentes que inspiravam os grandes instrutores da Índia, também elas indicaram o Cristo do futuro; é um erro julgar que esses instrutores não pressentiam o Cristo. Eles disseram que o Cristo se encontrava “acima de sua esfera” e que eles “não o podiam encontrar”.

Assim como em nossa quinta época são os Anjos que fazem descer o Cristo à nossa evolução espiritual, do mesmo modo na sexta época a civilização será guiada pelos mesmos seres que dirigiram o período cultural da Pérsia primeva. E os espíritos dos primórdios, os Arqueus, que guiaram a Humanidade durante a antiga época hindu, sob as ordens do Cristo, inspirarão a sétima época cultural da Humanidade. Na época greco-latina, o Cristo desceu das alturas espirituais e manifestou-se no organismo corpóreo de Jesus de Nazaré, vindo assim ao mundo físico. É no mundo imediatamente superior a este que a Humanidade o encontrará, quando adquirir a maturidade necessária. Os homens não permanecerão sempre os mesmos, mas terão adquirido a maturidade e encontrarão o Cristo como Paulo, precursor da evolução futura, o encontrou na visão profética de Damasco: no mundo espiritual. E os mesmos grandes instrutores que guiaram os homens na época egipto-caldaica guiam nossa época e também conduzirão os homens no século XX a uma visão do Cristo semelhante à de Paulo. Mostrarão ao homem que o Cristo não atua apenas sobre a Terra, mas transespiritualiza todo o sistema solar. E os santos instrutores da Índia, quando se reencarnarem no sétimo período cultural, anunciarão o grande e poderoso Espírito pressentido por eles através da unidade de Brahma, que só por meio do Cristo pode ser compenetrada de seu verdadeiro conteúdo. Esse grande Espírito é que eles diziam reinar acima de sua esfera. Assim, de etapa em etapa, a Humanidade será elevada ao mundo espiritual.

Para falar do Cristo, regente dos mundos sucessivos e das Hierarquias superiores, é preciso conhecer a ciência que, sob o signo da Rosacruz, penetrou a partir dos séculos XII e XIII em nossa cultura e, como demonstramos, tornou-se necessária desde aqueles

tempos. Se, inspirados nessa concepção, estudarmos de perto a entidade que viveu na Palestina e consumou o Mistério do Gólgota, eis o que se apresentará à nossa visão:

Até nossa época, tem havido as mais diversas ideias a respeito do Cristo. Nos primeiros séculos, por exemplo, certos gnósticos cristãos disseram o seguinte: Cristo que viveu na Palestina não possuía corpo físico carnal algum, mas um corpo aparente, um corpo etérico que se tornou visível aos olhos físicos; portanto sua morte na cruz não teria sido real, mas aparente, porque se tratava apenas de um corpo etérico. Houve em seguida as mais variadas discussões entre os adeptos do cristianismo, como por exemplo a conhecida disputa entre os arianos e os atanasianos, com as mais contraditórias ideias sobre a natureza do Cristo. Até nossa época, os homens tiveram as mais diversas opiniões sobre o Cristo.

A Ciência Espiritual deve reconhecer em Cristo uma entidade não só terrestre, como também *cósmica*. Em certo sentido, o próprio homem é um ser cósmico. Vive uma dupla vida: no corpo físico, do nascimento à morte, e nos mundos espirituais entre a morte e um novo nascimento. Quando encarnado, vive submetido ao poder da Terra, porque o corpo físico depende de condições e forças da vida terrestre. Mas o homem não se contenta apenas em assimilar os produtos materiais e as forças da Terra, e sim faz parte integrante do organismo físico terrestre, pertencendo-lhe. Quando atravessa o portal da morte, não pertence mais às forças da Terra; mas seria inexacto pensar que não pertence mais a sistema algum de forças, pois está então ligado às forças do sistema solar e dos outros sistemas estelares. Entre a morte e um novo nascimento ele vive no Cosmo, assim como vive no reino terrestre do nascimento à morte. Da morte ao novo nascimento pertence ao Cosmo, tal como na Terra pertence aos elementos ar, água, terra, etc. Enquanto sua vida decorre entre a morte e o novo nascimento, ele está no reino das influências cósmicas. Os planetas não irradiam apenas as forças físicas que a astronomia física ensina – a gravidade terrestre e outras forças físicas –, mas também forças espirituais. E o homem está em ligação com essas forças espirituais do Cosmo, cada indivíduo de um modo pessoal. Se um homem nasce na Europa, depende de condições climatéricas e outras, diferentes das da Austrália. Do mesmo modo, na vida entre a morte e o novo nascimento um indivíduo está em relações mais estreitas com as forças espirituais de Marte, outro com as de Júpiter e outros ainda com as de todo o sistema planetário. E são essas mesmas forças que trazem o homem de retorno à Terra. Assim ele vive, antes do nascimento, unido a todo o espaço estelar.

Essas relações particulares do indivíduo com o Cosmo determinam também as forças que o atraem para estes ou aqueles países, para esta ou aquela região. O impulso, o instinto de se reencarnar neste ou naquele lugar, nesta ou naquela família, neste ou naquele povo, numa ou noutra época, depende da maneira pela qual o homem está ligado ao Cosmo antes do nascimento.

Havia antigamente, nas regiões de língua alemã, uma expressão extraordinariamente expressiva para significar o nascimento de um homem. Quando alguém nascia, dizia-se que se tinha *tornado jovem* neste ou naquele lugar. Era uma alusão inconsciente à lei que faz o homem, entre a morte e o novo nascimento, continuar submetido às forças que o fizeram envelhecer na encarnação precedente, ao passo que, algum tempo antes do nascimento, em seu lugar intervêm forças que o rejuvenescem. É assim que, no *Fausto*, Goethe utiliza a expressão “tornado jovem no país da névoa”. “O país da névoa” era a antiga denominação dada à Alemanha na Idade Média.

O *horóscopo* baseia-se numa verdade: a de que o conhecedor desses assuntos pode decifrar as forças que regulam a entrada do homem na existência física. Cada pessoa possui um horóscopo determinado, onde se exprimem as forças que o conduziram à

existência. Quando, por exemplo, no horóscopo Marte está em Áries, isso significa que a acção de Marte intercepta ou enfraquece certas forças de Áries. Assim o homem é levado ao lugar que lhe compete na existência física, e o horóscopo representa aquilo que o orienta antes de ele vir à existência terrestre. Antes de afirmar esses factos, que parecem tão ousados à actualidade, é preciso declarar que quase tudo praticado actualmente nesse sentido é puro diletantismo, uma verdadeira superstição; e que, para o mundo exterior, a *verdadeira ciência* dessas coisas, na maior parte, perdeu-se por completo. Não se deve julgar os princípios que enunciamos acima relacionando-os com as fantasias a que actualmente se dá o nome de astrologia.

São as forças activas do mundo estelar que impelem o homem à encarnação no mundo físico.

Se a consciência clarividente observa alguém, pode perceber a que ponto seu organismo é resultado da cooperação entre as forças cósmicas. Esclareçamos esta lei de uma forma hipotética, embora condizente com as observações da clarividência.

Se extraíssemos o cérebro de um homem e o examinássemos de forma clarividente, de modo a distinguir cada circunvolução e seus prolongamentos, veríamos que cada pessoa tem o cérebro diferente da outra. Não há dois cérebros que se assemelhem. Suponhamos que se pudesse fotografar a estrutura do cérebro, de modo a obter uma espécie de hemisfério onde todos os detalhes fossem visíveis: essa imagem seria diferente para cada indivíduo. E se fotografássemos o cérebro de um homem no momento exacto em que ele nasce, fotografando em seguida a parte do céu que se estende justamente por cima do lugar de seu nascimento, essa imagem corresponderia exactamente a esse cérebro humano. Certas partes do cérebro estão dispostas como as estrelas na constelação. O homem tem em si uma imagem do firmamento que difere conforme o lugar e o momento de seu nascimento. Isso é um indício de que o homem nasce do Cosmo inteiro.

Obtendo uma visão clara a esse respeito, conseguiremos elevar-nos à compreensão da maneira como o elemento macrocósmico se manifesta em cada pessoa, e partindo daí imaginar como se manifesta no Cristo. Seria completamente erróneo crer que *após* o baptismo de João o elemento macrocósmico se tenha exprimido no Cristo como em qualquer outra pessoa.

Observemos primeiramente Jesus de Nazaré. Era um ser que requeria condições particulares de existência. No início de nossa era, nasceram *dois* meninos Jesus. Um descendia da linha natânica da casa de Davi, o outro da linha salomônica da mesma casa. Ambos nasceram aproximadamente na mesma data. No menino Jesus descendente de Salomão, de que fala o Evangelho de Mateus, encarnou-se a mesma individualidade que havia vivido outrora na Terra como Zaratustra ou Zoroastro reencarnado. Conforme a descrição de Mateus, nesse menino Jesus se desenvolve, até os doze anos de idade, a individualidade de Zaratustra. Nessa idade Zaratustra abandona o corpo desse menino e passa para o corpo do menino descrito pelo Evangelho de Lucas. Por essa razão, de repente esse menino se transforma por completo. Os pais se espantam quando o encontram no Templo, em Jerusalém, após ter penetrado nele o espírito de Zaratustra. O Evangelho alude a esse facto ao relatar que o menino, após se haver perdido, sendo reencontrado no Templo, em Jerusalém, falava de tal maneira que os pais não o reconheceram, porque só conheciam esse menino – o menino Jesus descendente de Natan – como ele havia sido antes disso. Jesus podia falar daquele modo, com os doutores da lei no Templo, porque o espírito de Zaratustra penetrara nele.

Assim o espírito de Zaratustra viveu no jovem Jesus da linha natânica da casa de Davi até à idade de trinta anos. Nesse outro corpo, adquiriu um grau de perfeição ainda

maior. É preciso notar ainda que no corpo onde vivia agora o espírito de Zaratustra o *corpo astral* estava impregnado dos impulsos que o *Buda* lhe havia irradiado do mundo espiritual.

Conforme a exacta tradição oriental, o Buda nasceu com o grau de “Bodisatva”, e só foi elevado à dignidade de Buda durante sua vida terrestre, aos 29 anos de idade.

Asita, o grande sábio hindu, foi chorando ao palácio real do pai de Buda, quando o Gautama Buda ainda era uma criancinha. Sua clarividência lhe fizera saber que esse filho do rei se tornaria o Buda, e como já se sentia velho, afligia-se imaginando não poder chegar a ver o dia em que o filho de Sudodana se elevaria à dignidade de Buda. Esse sábio reencarnou-se na época de Jesus de Nazaré, sendo o mesmo a que se refere o Evangelho de Lucas como o sacerdote do Templo que vê Buda revelar-se ao menino Jesus da linha de Natan; ao ter essa visão, ele exclama: “Deixa, Senhor, teu servo partir em paz, porque eu vi meu Mestre!” O que ele não pudera ver outrora na Índia, viu então através do corpo astral do menino Jesus, ao qual se refere o Evangelho de Lucas, isto é, o Bodisatva que se havia tornado Buda.

Tudo isso foi necessário para que se pudesse formar o organismo corpóreo que no rio Jordão recebeu o “baptismo de João”. Nesse momento, a individualidade de Zaratustra abandonou o tríplice corpo – físico, etérico e astral – daquele Jesus que se desenvolvera de forma tão complicada para que o espírito de Zaratustra nele pudesse habitar. Era necessário que o Zaratustra reencarnado passasse pelos dois caminhos evolutivos apresentados pelos dois meninos Jesus. Diante do Baptista se encontrava o corpo de Jesus de Nazaré, em que actuava a individualidade cósmica do Cristo. Em qualquer outro homem, as leis espirituais do Cosmo só actuam para determinar seu nascimento terrestre. Em seguida, as condições da evolução terrestre vêm ao encontro dessas leis. No caso de Jesus Cristo, somente as forças cósmico-espirituais permaneceram activas após o baptismo de João, com exclusão de qualquer influência das leis da evolução terrestre.

Enquanto Jesus de Nazaré, tornado Jesus Cristo, percorria a Palestina dos trinta aos trinta e três anos, nele actuava continuamente a entidade cósmica do Cristo. O Cristo recebia ininterruptamente a influência de todo o Cosmo; não dava um só passo sem que o compenstrassem as forças cósmicas. O que se passava com Jesus de Nazaré era a realização contínua do horóscopo; pois a todo momento se manifestavam nele forças que nos outros homens só actuam no momento do nascimento. Isso só podia acontecer em razão de o corpo de Jesus natânico ter-se tornado receptivo à totalidade das forças provenientes das Hierarquias cósmico-espirituais que dirigem nossa Terra. Quando o Espírito do Cosmo, em sua totalidade, fluía para Jesus Cristo, quem era o ser que se dirigia, por exemplo, a Cafarnaum ou a outro lugar qualquer? O ser que peregrinava assim sobre a Terra tinha a aparência idêntica à de qualquer outro homem. Mas o que actuava nele eram as forças cósmicas provenientes do Sol e das estrelas; eram elas que dirigiam o corpo. E os actos de Jesus Cristo realizavam-se de acordo com a Entidade total do Cosmo, com a qual a Terra se relacionava. É por isso que os Evangelhos aludem frequentemente à *constelação astral*, para situar no tempo as acções de Jesus Cristo. Podemos ler no Evangelho de João como Cristo encontra seus primeiros discípulos: “Ora, era perto da décima hora.” É que nesse momento o Espírito do Cosmo se manifestava em tal facto, de acordo com a hora do dia. Às vezes, tais alusões são menos precisas em outras passagens do Novo Testamento, mas quem souber realmente ler os Evangelhos as encontrará em todo lugar.

É desse ponto de vista que se deve considerar, por exemplo, as curas milagrosas. Basta recordarmos um só versículo, que diz: “Ao pôr-do-sol, eles lhe levaram os

doentes e ele os curou.” Que significam estas palavras? O evangelista quer mostrar-nos que essa cura está em correspondência com uma determinada constelação, na hora em que o sol se pôs; as forças curativas puderam manifestar-se após o pôr-do-sol. Jesus Cristo é descrito como o intermediário que aproxima os doentes das forças cósmicas, no momento exacto em que estas têm poder curativo. Essas forças são as mesmas que actuavam como Cristo em Jesus. A presença do Cristo trazia a cura porque o doente era exposto às forças curativas do Cosmo, que só podiam actuar sob as condições de espaço e de tempo dados nesse momento. As forças do Cosmo actuavam sobre os doentes através de seu representante, o Cristo.

As forças cósmicas só puderam actuar assim na época da vida terrestre do Cristo. Só na época em que ele viveu existiu, entre as constelações cósmicas e as energias do organismo humano, uma conexão que permitia a cura de certas enfermidades no momento em que uma constelação cósmica actuava sobre o doente através de Jesus Cristo. É tão impossível a repetição dessas condições no devir cósmico e terrestre quanto o é uma segunda reencarnação do Cristo num corpo humano. Sob esse aspecto, os passos de Jesus Cristo representam a expressão física de determinada relação do Cosmo com as forças humanas. A presença de um enfermo ao lado do Cristo significa que o enfermo, por estar próximo a ele, encontrava-se numa relação com o Macrocosmo que possibilitava a acção de forças curativas.

Essas considerações nos mostram de que modo a condução da Humanidade se submeteu à influência do Cristo. Mas as outras forças que se haviam retardado na época egípcio-caldaica continuam a actuar ao lado das forças compenetradas por Cristo. A prova disso é a posição que nossa época toma em relação aos Evangelhos. Aparecem obras literárias que se esforçam, com zelo singular, em demonstrar que os Evangelhos são compreensíveis de acordo com uma interpretação astrológica. Os maiores adversários dos Evangelhos, baseados nessa interpretação astrológica, acham, por exemplo, que o caminho percorrido pelo Arcanjo Gabriel, de Isabel a Maria, representa a passagem do Sol do signo de Virgem a um outro signo. Essa explicação não é de todo inexacta; mas esses pensamentos são inspirados, em nossa época, pelas entidades retardadas na época egípcio-caldaica. Pretende-se, desse modo, fazer crer que os Evangelhos não passam de alegorias simbolizando determinadas condições cósmicas. A verdade é que o Cosmo inteiro se exprime no Cristo, e é possível citar em sua vida determinados relacionamentos cósmicos que actuam continuamente na Terra, *através do Cristo*. A verdadeira compreensão desses relacionamentos leva à aceitação integral do Cristo que viveu na Terra, ao passo que o erro acima assinalado faz supor que, se a vida do Cristo descrita nos Evangelhos se exprime através de constelações cósmicas, isso prova que se trata *apenas* de constelações alegoricamente referidas, e que, por conseguinte, nunca existiu um Cristo terrestre real.

Usando uma comparação, poderíamos dizer o seguinte:

Imaginemos cada homem sob a forma de uma esfera em que se reflectam todos os objectos em derredor. Essa esfera reflectiria todas as imagens em torno dela. Suponhamos que com um lápis de decalque desenhássemos os contornos reflectidos nesse espelho. Poderíamos, em seguida, retirar o espelho e transportar por toda parte o decalque dos reflexos. Esta comparação exprime o estado do homem no momento de seu nascimento, quando reflecte em si próprio o aspecto do Cosmo e depois carrega consigo, durante toda a vida, uma cópia desse reflexo. Mas poderíamos também deixar o espelho subsistir e, portanto, por onde quer que o transportássemos ele reflectiria o que o rodeasse. A todo momento reflectiria uma imagem de todo o seu derredor. Essa seria a imagem do Cristo entre o baptismo de João e o mistério do Gólgota. O que em

qualquer outro homem flui para a existência física no momento do nascimento fluía para Jesus Cristo a *todo momento*. E quando se realizou o mistério do Gólgota, as forças irradiadas ao Cosmo passaram à substância espiritual da Terra, estando desde então unidas a seu espírito.

Quando Paulo se tornou clarividente diante de Damasco, percebeu que o que se encontrava no Cosmo passara agora ao espírito da Terra. Disso poderá convencer-se quem souber reproduzir a visão de Damasco, vivenciando-a dentro de si próprio. No século XX aparecerão as primeiras pessoas capazes de vivenciar a visão de Paulo de um modo espiritual.

Até o presente só podiam ter essa visão as pessoas que adquiriram as forças da clarividência por meio da disciplina esotérica. No futuro, o progresso natural das forças da alma humana permitirá a visão do Cristo na esfera espiritual da Terra. Terão essa visão – como uma reprodução vivente do acontecimento de Damasco – algumas pessoas a partir de um momento determinado do século XX, e seu número irá aumentando até que essa venha a ser, num longínquo futuro, uma faculdade normal da alma humana.

A entrada do Cristo na evolução terrestre traz a essa evolução um impulso totalmente novo. Os próprios factos exteriores históricos o demonstram. Nos primeiros tempos que se seguiram à evolução atlântica, os homens sabiam perfeitamente que acima deles, por exemplo, não havia somente um Marte físico; que o que vemos nesse planeta, ou em Júpiter ou Saturno, é a expressão de entidades espirituais. Nos tempos seguintes, esses conhecimentos foram esquecidos. Os corpos celestes foram considerados apenas corpos submetidos às leis físicas. E na Idade Média os homens só viam nos astros o que os olhos podem ver: a esfera de Vénus, a esfera do Sol, de Marte, etc., até a esfera das estrelas fixas, por detrás da qual se encontrava a oitava esfera, como um muro azul e resistente. Então veio Copérnico, que abriu brechas na concepção segundo a qual só é válido o que os sentidos percebem.

Os físicos de hoje poderão dizer que é preciso ser louco para pretender que o mundo seja *maya*, ilusão, sendo necessária a visão de um mundo espiritual para se encontrar a verdade. A verdadeira ciência é a que se baseia nos sentidos e interpreta os dados dos sentidos. Mas quando foi que os astrónomos se fiaram unicamente nos sentidos? Foi na época em que dominava a ciência astronómica hoje combatida!

A astronomia moderna surgiu quando Copérnico começou a conceber as coisas existentes no espaço cósmico além da aparência sensível, e o mesmo aconteceu em todos os domínios da ciência. Por onde quer que a ciência se tenha tornado moderna, foi sempre *contra* as aparências sensíveis. Quando Copérnico declarou: “O que vedes é *maya*, é ilusão; confiai naquilo que *não* podeis ver!”, nesse instante fundou a ciência oficialmente admitida hoje. Poderíamos, portanto, dizer aos representantes da ciência contemporânea: “Vossa ciência só se tornou de facto ‘ciência’ quando deixou de fundar-se unicamente na experiência sensível.” Vejo depois Giordano Bruno, que interpretou filosoficamente a doutrina de Copérnico. Ele dirigiu o olhar ao espaço cósmico e anunciou o seguinte: o que chamaram de fronteira do espaço – a oitava esfera, que limita todo o espaço – é apenas *maya*, ilusão, e não uma barreira; uma infinidade de números está espalhada no espaço. O que se chamava outrora de fronteira do espaço é apenas a fronteira do mundo dos sentidos humanos. Dirijamos nosso olhar *para além* do mundo sensível, e não veremos mais o mundo como nossos sentidos mostram; então conheceremos também o infinito.

Vemos por todas essas razões que, no decorrer da evolução da Humanidade, o homem partiu de uma concepção espiritual do Cosmo, tendo-a perdido no decurso dos tempos. Uma ideia puramente sensorial do Universo se havia implantado quando o

impulso crístico penetrou na evolução. Graças a ele a Humanidade impregnou novamente de espiritualidade as concepções materialistas. No momento em que Giordano Bruno rompeu as cadeias da aparência sensível, a evolução crística já estava suficientemente avançada para que em Bruno pudesse actuar a força psíquica que o impulso do Cristo havia despertado. Vemos assim, em sua totalidade, a importância da acção do Cristo sobre a evolução humana, evolução essa que está apenas em seus primórdios.

Quais são, pois, as finalidades da Ciência Espiritual?

No que se refere à ciência física exterior, ela completa a obra de Giordano Bruno e outros, dizendo: o que a ciência exterior conhece é apenas *maya*, ilusão. Assim como outrora se fitava a “oitava esfera” acreditando-se ser essa esfera o limite do espaço, do mesmo modo o pensamento da actualidade acredita que o homem esteja encerrado entre o nascimento e a morte. Mas a Ciência do Espírito estende o olhar para além do nascimento e da morte.

Há um encadeamento ininterrupto na evolução da Humanidade, reconhecível nas ideias enunciadas acima. E no verdadeiro sentido da palavra, o que foi feito por Copérnico e Giordano Bruno com relação ao espaço, para vencer a aparência sensível, decorre das inspirações daquela corrente espiritualista que inspirou também a nova Ciência do Espírito, ou Teosofia. O esoterismo moderno já actuava de modo misterioso sobre Copérnico, Bruno, Kepler e outros. E aqueles que, em nossos dias, pretendem conservar-se no terreno de Giordano Bruno e de Copérnico, não querendo aceitar a Teosofia, são infiéis às suas próprias tradições, apegando-se às aparências sensíveis. Mas a Ciência do Espírito demonstra que, assim como Giordano Bruno rompeu os limites da abóbada celeste, esta ciência também rompe as fronteiras de nascimento e morte, mostrando como o homem, que tem sua origem no Macrocosmo, penetra na existência física e, atravessando a morte, reentra numa existência macrocósmica. O fenómeno que vemos reproduzir-se em cada indivíduo humano, de forma reduzida, se nos apresenta sob uma forma grandiosa no representante do Espírito Cósmico, Jesus Cristo. Uma *única vez* apenas o Cosmo pôde reflectir-se desse modo, pois a constelação que se apresentou naquela época não pode mais reproduzir-se. Ela teve de actuar através de um corpo humano para poder dar o impulso à Terra. Assim como essa constelação não se repete, também o Cristo só pôde encarnar-se uma vez. Só quando se ignora que o Cristo é o representante do Universo inteiro, não se conseguindo compenetrar o próprio ser com esta ideia do Cristo, cujos elementos nos são dados pela Ciência do Espírito, é que se pode pretender que esse ente possa encarnar-se repetidas vezes na Terra.

Desse modo, a nova Ciência do Espírito ou Teosofia traz uma concepção do Cristo que apresenta sob novo aspecto as relações entre o homem e todo o Macrocosmo. Para compreender verdadeiramente o Cristo, é preciso apelar às forças inspiradoras que agora surgem através das entidades sobre-humanas da época primeva egípcio-caldaica guiadas pelo próprio Cristo. Essa *nova* inspiração é necessária – inspiração que os grandes mestres esotéricos da Idade Média, a partir do século XIII, prepararam e que deve tornar-se cada vez mais conhecida publicamente. Se, por meio de uma disciplina da alma, o homem se preparar de modo correcto – no sentido dessa Ciência Espiritual – para o conhecimento do mundo do espírito, poderá ele ouvir e ver, de modo clariaudiente e clarividente, as revelações das potências antigas do antigo Egípcio e da Caldeia que se tornaram guias espirituais sob a direcção da entidade do Cristo. O que surgirá um dia ao olhar da Humanidade, os primeiros séculos da era cristã até nossa época só puderam preparar. Podemos dizer, portanto, que futuramente viverá nos corações dos homens uma ideia do Cristo à qual nada do que a Humanidade julgou

conhecer até agora se pode comparar em grandeza. O que surgiu como primeiro impulso do Cristo e continuou a viver como concepção crística até hoje – mesmo entre os melhores representantes do princípio crístico – foi apenas uma preparação para o verdadeiro conhecimento do Cristo. Os que trazem ao Ocidente essa nova ideia do Cristo poderiam ser acusados, por mais estranho que pareça, de terem abandonado o terreno da tradição cristã ocidental. É que a tradição cristã do Ocidente é absolutamente incapaz de compreender o Cristo do futuro mais próximo.

Conforme os dados do esoterismo ocidental, pode-se ver a condução espiritual da Humanidade passar progressivamente a uma outra, que podemos considerar verdadeiramente a *direcção do futuro* sob a influência do impulso crístico. Este novo esoterismo irá penetrando lentamente nos corações humanos; e a direcção espiritual do homem e da Humanidade será cada vez mais *conscientemente* considerada sob essa luz. Recordemos que para o princípio crístico penetrar nos corações humanos foi necessário o Cristo viver no corpo físico de Jesus de Nazaré, na Palestina. Foi somente então que os homens, pouco a pouco limitando-se a confiar apenas no mundo sensível, puderam aceitar esse impulso, porém de acordo com suas próprias concepções. Em seguida, esse mesmo impulso, sob a influência do novo esoterismo, inspirou espíritos como Nicolau Cusano, Copérnico e Galileu. Foi ele quem ditou, por exemplo, a Copérnico o princípio de que a aparência sensível não pode esclarecer a verdade sobre o sistema solar; é preciso procurar essa verdade além da aparência sensível.

Naquela época, mesmo espíritos como Giordano Bruno não estavam amadurecidos para filiar-se conscientemente à corrente esotérica moderna; o espírito condutor dessa corrente teve de actuar inconscientemente neles. Giordano Bruno pregou uma doutrina excelsa: quando um homem entra na existência pelo nascimento, é uma essência macrocómica que se concentra em mônada, e quando ele passa pela morte a mônada se dilata novamente; tudo o que estava encerrado no corpo se dilata no Universo para, em seguida, concentrar-se de novo em outras etapas de existência e dilatar-se novamente. Por meio de Bruno se exprimiam, naquela época, conceitos grandiosos no sentido exacto do esoterismo moderno, mas sob uma forma ainda embrionária.

As influências espirituais que conduzem a Humanidade não necessitam que o homem esteja plenamente consciente da acção exercida por elas. Elas levam, por exemplo, Galileu ao Duomo de Pisa. Milhares de pessoas viram ali a velha lâmpada, mas não a viram como Galileu. Ele viu a oscilação da lâmpada e comparou o tempo dessas oscilações com o de suas pulsações. Notou que a lâmpada da igreja oscilava com um ritmo regular, análogo ao ritmo do pulso, e encontrou assim as *leis do pêndulo*, no sentido da física moderna. Quem conhece a física da actualidade sabe que sem os princípios descobertos por Galileu esta não existiria.

Assim, as forças que se manifestam actualmente na Ciência do Espírito já actuavam naquela época; foram elas que levaram Galileu ao Duomo de Pisa, diante da lâmpada oscilante, o que deu origem à física atual. Assim agem misteriosamente as forças espirituais que conduzem a Humanidade.

Nós nos aproximamos agora do tempo em que os homens tomarão consciência dessas forças condutoras. Compreenderemos cada vez melhor o futuro se discernirmos de modo correcto as inspirações do esoterismo moderno. Ver-se-á que as mesmas entidades espirituais a que aludiam os antigos egípcios, quando os gregos os interrogavam a respeito de seus instrutores que então reinavam como deuses, estão retomando o governo do mundo, colocando-se agora, porém, sob a direcção do Cristo. E os homens, cada vez mais, sentirão que podem fazer renascer, em nível mais elevado, sob uma luz e um estilo superiores, tudo o que precedeu Cristo.

A consciência necessária aos tempos presentes, que deve ser uma consciência mais forte, uma responsabilidade mais elevada de nosso dever com relação ao conhecimento do mundo espiritual, só poderá penetrar em nossa alma quando compreendermos a tarefa da Ciência Espiritual de acordo com o que foi aqui exposto.

* O termo “proto-pérsica” não significa aqui a “Pérsia” conhecida na História, mas uma cultura asiática pré-histórica (irânica), que floresceu na região do Irã, onde mais tarde se estendeu o Império Persa.